

Sue Ellen Santos da Cruz

**ALÉM DO ACERTO:  
O CAMINHO DA BOA FORTUNA NA ASTROLOGIA  
HORÁRIA**

Trabalho de Conclusão Celeste  
apresentado à Saturnália – Escola de  
Astrologia sob orientação da professora  
Júlia Garcia de Oliveira

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo revisar criticamente leituras de mapas de Astrologia Horária presentes em manuais que priorizam a precisão técnica e compará-las a interpretações que enfatizam o caminho da boa fortuna. O método consistiu na análise de casos clássicos e contemporâneos de autores como William Lilly, John Frawley, Clélia Romano, Maggie Hyde, Geoffrey Cornelius e Derek Appleby, articulados à experiência prática da autora em atendimentos. As análises apontam que, embora a técnica seja fundamental, uma abordagem exclusivamente voltada ao acerto pode reduzir a potência simbólica do oráculo. A incorporação de perspectivas que consideram o desejo do consultante e a dimensão simbólica da consulta ampliam as possibilidades de resolução e aconselhamento. Conclui-se que a Astrologia Horária, quando praticada de forma sensível e crítica, pode oferecer não apenas respostas, mas também caminhos de autoconhecimento e ação rumo à boa fortuna.

**Palavras-Chave:** Astrologia Horária, Boa Fortuna, Oráculo, William Lilly, John Frawley

## LISTA DE CARTAS ASTROLÓGICAS

- Carta 1** – Carta Horária: *Onde está a gatinha da Mônica? Ela está bem?* - Regiomontanus, Brasil, Jaguariúna-SP, 04 de maio de 2024, 17h25m .....07
- Carta 2** – Carta Horária: *Onde está o gato?* - Regiomontanus, Inglaterra, Londres, 30 de agosto de 1998, 09h20m. (*Manual de Astrologia Horária*, John Frawley, p. 2) .....08
- Carta 3** - Carta Horária: *Ele me amava de verdade? Há futuro para nossa relação?* - Regiomontanus, Inglaterra, Londres, 17 de fevereiro de 2000, 09h12m (*Manual de Astrologia horária*, John Frawley, p. 99) .....17
- Carta 4** - Carta Horária: *Uma senhora, se se casará com o cavalheiro desejado* - Regiomontanus, Inglaterra, Londres, 16 de junho de 1646, 07h33m (27 de junho de 1646, 07h33m no calendário gregoriano) (*Astrologia Cristã*, William Lilly, p. 385) .....19
- Carta 5** - Carta Horária: *Vou encontrar a máquina fotográfica?* - Regiomontanus, Brasil, São Paulo - SP, 26 de outubro de 2013, 12h44m. (*Astrologia Horária*, Clélia Romano, p. 165) .....22
- Carta 6** - Carta Horária: *Peixe Roubado*, Regiomontanus, Inglaterra, Londres, 10 de fevereiro de 1638, 08h45m (20 de fevereiro de 1638, 08h59m no calendário gregoriano) (*Astrologia Cristã*, William Lilly, p. 397) .....25
- Carta 7** - Carta Horária: *Devo emprestar o dinheiro que minha irmã me pede?* - Regiomontanus, Brasil, São Paulo - SP, 13 de fevereiro de 2016, 01h27m (*Astrologia Horária*, Clélia Romano, p. 170) .....28
- Carta 08** - Carta Horária: *Devo aceitar a oferta?* - Regiomontanus, Inglaterra, Londres, 21 de junho de 1992, 16h35m. (*Psychological Horary*, Maggie Hyde, p. 3) .....30
- Carta 09** - Carta Horária: *Por que ele não me liga mais?* - Regiomontanus, Inglaterra, Londres, 01 de maio de 2001, 06h21m (*Manual de Astrologia horária*, John Frawley, p. 133). .....33
- Carta 10** – Carta Horária: *Terei um filho este ano?* - Placidus, Inglaterra, Londres, 04 de fevereiro de 1975, 12h00m. (*Astrología Horaria*, Derek Appleby, p. 140) .....36
- Carta 11** – Carta Horária: *E agora? Quando terei um filho?* - Placidus, Inglaterra, Londres, 11 de fevereiro de 1975, 12h30m. (*Astrología Horaria*, Derek Appleby, p. 144) .....38
- Carta 12** - Carta Horária: *Qual o caminho para a minha independência financeira?* - Regiomontanus, Brasil, Jaguariúna - SP, 05 de fevereiro de 2025, 19h34m.....40
- Carta 13** - Carta Horária: *Vou arrumar um namorado?* - Regiomontanus, Brasil, Jaguariúna - SP, 17 de junho de 2025, 18h10m. .....44

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	05
<b>Capítulo 1 – A horária é simples?.....</b>	06
<b>Capítulo 2 – O Caminho da Boa Fortuna: implicações filosóficas e práticas.....</b>	12
<b>Capítulo 3 – Revisão Crítica das Leituras dos Manuais de Astrologia Horária.....</b>	16
3.1. Metodologia da análise dos casos.....	16
3.2. Despedaçar ou remendar um coração partido?.....	17
3.3. Em casa de ferreiro, o espeto tem que ser de ferro.....	22
3.4. Entre o Sim e o Não: a horária como aconselhamento.....	27
3.5. A boa fortuna em mapas com considerações antes do julgamento.....	32
<b>Capítulo 4 – A Construção de uma Práxis Pessoal.....</b>	43
<b>Agradecimentos.....</b>	48
<b>Referências.....</b>	49

## Introdução

Desde que iniciei os meus estudos em Astrologia, fiquei pensando qual assunto iria pesquisar para o Trabalho de Conclusão Celeste. Foram tantos apaixonamentos, que, confesso, até o último dia para enviar o projeto, eu ainda não tinha certeza se tinha feito a escolha certa. Pensei em inúmeras natividades que gostaria de pesquisar, suas biografias, os mapas de nascimento e as técnicas de previsões. Mas foi só no último módulo da formação, no curso Astrologia 5, que fui fisgada de vez.

Há algo na Astrologia Horária que me fascina! Não sei se é o aspecto *mágico* de levantar uma carta e a dança celeste se configurar de tal forma que represente exatamente a situação vivida pelo querente e a resposta de que ele precisa. Ou talvez, seja o conceito de *perfeição* que agrada aos meus tantos posicionamentos em Virgem. Ou ainda, o fato de ser um oráculo que serve ao cotidiano: a resposta às pequenas aflições, o segredo dos objetos perdidos, o consolo para os corações aflitos por um *crush*, a orientação para as dúvidas do dia a dia que perturbam nosso sono e nos tiram a paz. Sem dúvida, tudo isso me levou a escolher me dedicar oito meses ao estudo de Astrologia Horária.

Em contrapartida, também me assustei com o que encontrei no território hostil de alguns manuais e da *internet*. Em comunidades e grupos das redes sociais, notei uma certa necessidade de “lacração”, de provar a capacidade de acertar a previsão, sejam elas boas ou más, sem se importar com a existência de uma pessoa do outro lado da tela, muitas vezes aflita, angustiada. Uma certa necessidade de provar que a técnica funciona: para bem ou para o mal, o importante é acertar.

Portanto, a Horária é um ramo da Astrologia que me causa admiração e assombro. Por isso, habituada às oposições, busquei o caminho do meio: a possibilidade de encaminhar o cliente a se implicar no seu Destino, a buscar o caminho da Boa Fortuna.

Convido-lhes, então, a me acompanhar neste aprendizado. Espero que compartilhem do meu entusiasmo e que, de alguma forma, este trabalho contribua para os estudos daqueles que, assim como eu, são apaixonados pela arte.

Vamos lá?

## Capítulo 1 – A horária é simples?

Na introdução ao *Manual de Astrologia Horária*<sup>1</sup>, John Frawley insiste: **a horária é simples**. De fato, comparada à Astrologia de natividade, por exemplo, em que são abertos inúmeros mapas, analisadas diversas técnicas de previsão, podemos dizer que a horária é relativamente simples. Levanta-se uma carta para o momento da pergunta, atribuem-se os significadores a todos envolvidos na questão e realizamos a leitura da resposta, muitas vezes, a partir de um único aspecto entre dois planetas. É comum que não seja preciso envolver os sete planetas, muito menos as doze casas. Simples. No entanto, o fato de ter uma técnica simples implica, necessariamente, uma leitura ou atendimento também simples?

Podemos pensar que, realmente, não há nada de muito complexo em responder a questões como: *Onde está meu xale?*<sup>2</sup> Mas não é sempre que os clientes nos procuram com questões tão simples. Nas oficinas de astrologia avançada do grupo Duranki, o professor Simão Cortês conduziu uma reflexão sobre a prática oracular através do questionamento: por que as pessoas procuram um astrólogo?

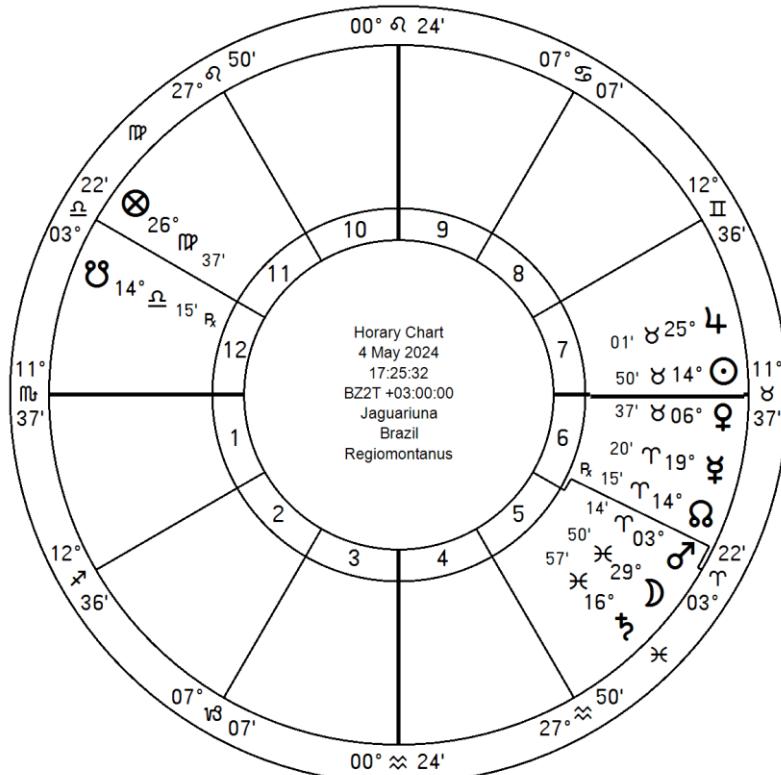
O debate nos levou a concluir que buscamos o oráculo quando nossa capacidade de tomar decisões colapsa, quando estamos tomados pela neurose, quando não conseguimos agir ou decidir com clareza, então procuramos o oraculista para que ele possa ser o nosso canal com o divino. Dessa forma, ainda que a técnica seja simples, estamos diante de uma pessoa que se vê incapaz de tomar uma decisão, ela pode estar mergulhada na angústia, no medo, na dúvida. Oferecer-lhe uma resposta não se trata apenas de dizer “sim” ou “não”, mas também de remediar o presságio, de encaminhar-lhe a sua boa fortuna.

A primeira vez que fiz uma leitura de Astrologia Horária para outra pessoa, eu errei. Ainda estava animada com a descoberta deste ramo da Astrologia e impressionada com a capacidade de precisão da resposta. Uma amiga querida anunciou no *Instagram* que sua gatinha havia sumido, ofereci-lhe, então, a possibilidade de perguntarmos aos céus onde ela estaria. Ela aceitou a oferta e eu abri o mapa:

---

<sup>1</sup> FRAWLEY, John. *Manual de astrologia horária: edição revista*. Tradução de Marcos Monteiro. Apprentice Books, 2014.

<sup>2</sup> Trata-se de uma referência a um mapa horário apresentado por John Frawley em seu *Manual de Astrologia Horária: edição revista*, na p. 193.



(Carta 01 - Onde está a gatinha da Mônica? Ela está bem?)

Era 04 de maio de 2024, Sábado, Dia de Saturno, Hora de Vênus. Segundo William Lilly, uma das coisas a se considerar antes de julgar uma carta é se há uma relação entre a natureza do regente do Ascendente e o regente da hora para considerá-la radical.<sup>3</sup> Nota-se que não há uma relação entre o regente do Ascendente, Marte, e o regente da hora, Vênus. Na época, eu não tinha o rigor de verificar o regente da hora, então segui a leitura do mapa, sem dar atenção a esta consideração.

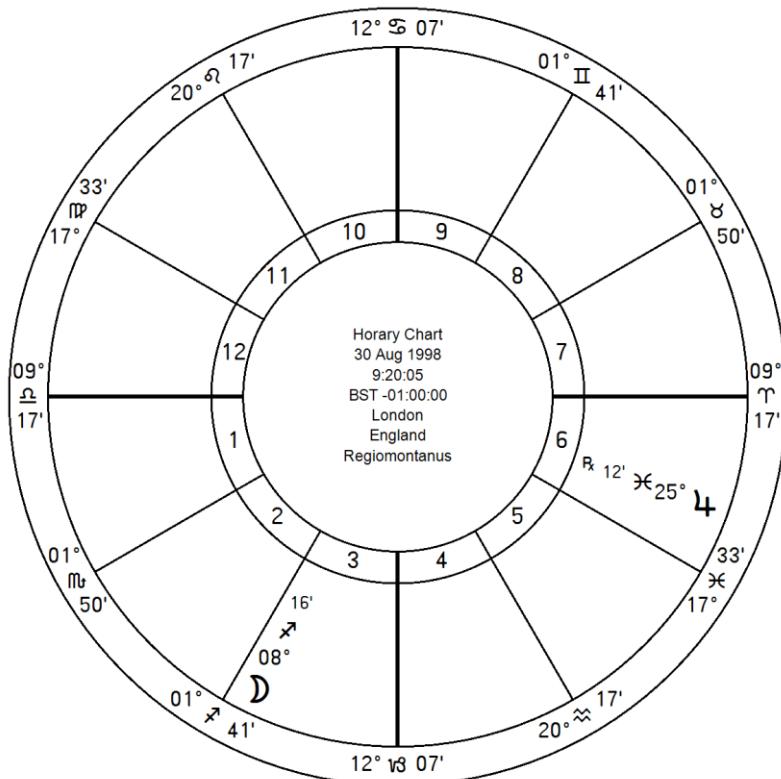
Atribui o Ascendente a minha amiga, portanto a querente é representada por Marte aos 03°14' do signo de Áries. Sendo ela a querente, o regente da Casa 6 seria sua gatinha, ou seja, também Marte. A condição de dignidade do regente da Casa 6 me deixou animada quanto à resposta da segunda pergunta: *ela está bem?* Marte está em seu próprio domicílio, portanto era um forte indicativo de que, sim, ela estaria bem. Pareceu-me também radical que uma gatinha fosse representada por Marte em Áries, afinal, ela era uma gatinha nova, enérgica, cheia de vitalidade.

Não pude deixar de notar a Lua nos últimos graus de Peixes, o que me deixou em dúvida: poderia ser considerada uma Lua vazia de curso? Ou poderia significar o retorno da gatinha? Fiquei com a segunda opção, entendi que a conjunção entre Lua e Marte, que

<sup>3</sup> LILLY, William. *Astrologia Cristã*. Tradução CMM, QHP, Edição BIBLIOTECA SADALSUUD, 2004, p. 121.

aconteceria quando a Lua ingressasse no signo de Áries, indicaria o encontro da querente com a gatinha, então o julgamento que fiz da carta era de que sim, a gatinha estava bem e que, em breve, a querente iria encontrá-la.

O primeiro mapa que Frawley apresenta em seu livro é sobre uma pergunta semelhante: *Onde está o gato?* O mapa analisado por ele tem Júpiter em Peixes como representante do gato. Como o planeta está domiciliado, ele afirma que “representado por um benéfico fortemente dignificado, o gato deve estar muito bem” (FRAWLEY, 2014, p. 1). Assim como na carta que levantei, ele está na Casa 6, na sua própria casa. Para saber quando o gato vai voltar, ele analisa a Lua como regente natural de animais perdidos. O luminar está aos 08°17' de Sagitário e irá realizar um sextil com o Ascendente a 09°17' de Libra, o que o leva a concluir que “O gato vai voltar então, quase exatamente 24 horas após o momento para o qual o mapa foi aberto e assim foi. (...) Horária é simples.” (FRAWLEY, 2014, p. 2)



(Carta 02 - Onde está o gato? - *Manual de Astrologia Horária*, John Frawley, p. 2)

Voltemos ao meu mapa. Por prudência, não fiz uma previsão de quando a gatinha retornaria, com receio de que a querente ficasse ainda mais ansiosa. Mas, acreditei que ela a encontraria em três ou quatro dias, levando em consideração a quantidade de graus que a Lua percorreria até a conjunção. Todavia, a gatinha não retornou.

Como forma de ajudar a procurá-la, primeiramente, pensei em lugares relacionados à Casa 5: parques, lugares onde têm crianças, etc. Porém, ao revisar a análise, notei mais um engano que cometi, pois, na verdade, ela estava na cúspide da Casa 6, na sua própria casa. Então, sugeri que ela retornasse ao local onde a resgatou, porque ela poderia estar lá, ou ainda, talvez ela estivesse em outra casa, na vizinhança, que ela tivesse escolhido para si. Ela procurou bastante, mas não a encontrou.

Refleti, novamente, sobre onde poderia estar o erro: a Lua está em Peixes, um signo mutável, na Casa 5, casa cadente, por isso talvez a unidade de tempo não fossem dias, talvez fossem semanas. Mas não, a gatinha não voltou em três ou quatro semanas.

A mesma pergunta, mapas com algumas semelhanças, com respostas que foram bem diferentes. Como afirma Geoffrey Cornelius, em *O Momento da Astrologia: origens na adivinhação*: “Quando a horária é boa, é boa, mas quando é má, é realmente muito má.”<sup>4</sup> Na ocasião, minha amiga sabia que eu era uma estudante, não me acusou pelo erro, evidentemente. Mesmo sabendo que eu tinha chances de não acertar a previsão, lamentei não poder ajudar. Para mim, não foi nada simples responder a essas perguntas, pois se tratava de uma pessoa muito querida, que estava aflita, que nutria sentimentos profundos pelo seu animal de estimação, estava preocupada e ansiosa. Poderia ser simples lhe dizer: “sim, ela está bem e irá voltar em breve” ou ainda “não, ela não irá voltar”. E, no segundo caso, como anunciar essa notícia? Como acolher essa pessoa que nos busca por uma resposta? Essa é a resposta que não é simples e que nem sempre encontramos nos manuais.

Minha formação inicial é de professora de língua portuguesa, minha prática como educadora vai para além do ensino da língua, considero-me freireana e acredito na *práxis*: o lugar em que a teoria e a prática se encontram.

Um manual de astrologia que ensina as técnicas para realizar a leitura dos mapas deveria levar em consideração a *práxis*, ou seja, considerar o contexto, as individualidades, os fatores que estão para além do domínio da linguagem astrológica.

A teoria do caminho da boa fortuna na Astrologia Horária pareceu preencher a lacuna que faltava para esta professora freireana. Diante de um mapa com impedimentos, diante de um mapa com a má notícia, diante de um cliente aflito e angustiado, como encontrar a boa fortuna?

---

<sup>4</sup> CORNELIUS, Geoffrey. *O momento da Astrologia: origens na adivinhação*. Tradução de Simão Cortês. Editora Pogo, 2025, p. 177.

Hoje, eu acredito que o erro da minha leitura começou na pergunta: *Onde está a gatinha da Mônica?* Foi assim que a registrei. Acredito que estava mais motivada pelo meu desejo de ajudar do que pelo desejo genuíno da querente. Portanto, desconfio de que deveria ter derivado o mapa.

Dessa forma, eu seria a querente, logo Marte aos 03°14' de Áries sou eu: empolgada, apressada, diante da possibilidade de oferecer um auxílio para a minha amiga querida, a qual seria o regente da Casa 11, a casa dos amigos, que abre aos 27°50' de Leão, portanto ela é o Sol aos 14°50' de Touro. Observe que Marte está na exaltação do Sol, isso revela a minha condição em relação a minha amiga, um desejo exagerado de oferecer a ajuda. Enquanto ela está no exílio de Marte, talvez um pouco cética com relação à possibilidade de que eu pudesse lhe oferecer uma resposta.

A gatinha é representada pela sexta casa a partir da décima primeira: a Casa 4, que está a 00°24' de Aquário, então ela é Saturno aos 16°57' de Peixes. Isso muda a condição da gatinha, se tivesse feito essa leitura, não afirmaria que ela estava bem. Nem mal. É um planeta maléfico, lento, ela não está na sua própria casa, no seu domínio. Ainda assim, poderia prever o encontro, pois há a perfeição de aspecto entre o Sol e Saturno, o sextil se dá aos 17°09', ou seja, em 2°19' graus. Mas o fato é que minha amiga não encontrou a sua gatinha. Como boa virginiana, procurei persistentemente onde estava o erro. Por fim, releio o que William Lilly afirmou sobre as considerações antes do julgamento:

**“Não é seguro julgar quando a Lua está nos últimos graus de um signo**, especialmente em Gêmeos, Escorpião ou Capricórnio; ou, como dizem alguns, quando ela está na Via Combusta, que é quando ela se encontra nos últimos 15 graus de Libra ou nos primeiros quinze graus de Escorpião. **Nenhum tipo de assunto se desenvolve** (exceto se os principais significadores estiverem muito fortes) **quando a Lua está vazia de curso**; contudo, ela por vezes age quando está vazia de curso, se estiver em Touro, Câncer, Sagitário ou Peixes.”<sup>5</sup>

As considerações antes do julgamento podem ser vistas como um aviso dos céus, um alerta para o astrólogo atento de que, talvez, ele esteja pulando etapas ao ler o mapa, para não se precipitar ao oferecer uma resposta e, até mesmo, pensar: será que essa é a resposta de que a pessoa precisa?

Esse erro me tornou uma astróloga mais cautelosa, mais humilde também, convidou-me a não ignorar o que aqueles que vieram antes de mim propuseram, se

---

<sup>5</sup> LILLY, William. Astrologia Cristã. Tradução CCM, QHP. Biblioteca Sadalssud, 2004, p. 121.

William Lilly deu tanta atenção às considerações antes do julgamento, deve haver um bom motivo para isso, parece-me um pouco pretensioso demais arriscar a ignorá-las. Aprendi também que, na Astrologia Horária, reconhecer o verdadeiro desejo do querente é tão importante quanto dominar a técnica, portanto fundamental para uma boa leitura do mapa horário.

Este trabalho pretende, então, revisar de forma crítica a análise de alguns exemplos de mapas de Astrologia Horária presentes em manuais que priorizam a precisão da resposta e da técnica e compará-las com as leituras de astrólogos que propõem buscar o caminho da boa fortuna.

A intenção é que esta análise e reflexão tragam uma inovação à minha prática como astróloga, permitindo-me oferecer uma interpretação que combine a precisão técnica com uma visão mais ampla, que considere a jornada e as escolhas do consulente, proporcionando uma experiência enriquecedora e significativa no uso do oráculo.

## Capítulo 2 – O Caminho da Boa Fortuna: implicações filosóficas e práticas

A disciplina de Astrologia Horária 2, ministrada pela professora Júlia Garcia de Oliveira, no módulo Astrologia 5, teve papel decisivo na elaboração deste trabalho. A leitura de Maggie Hyde e Geoffrey Cornelius, articulada às discussões em sala e à prática proposta ao longo do curso, constituíram a base teórica desta pesquisa.

No artigo *Psychological Horary*<sup>6</sup>, Maggie Hyde propõe um deslocamento importante no modo de compreender a prática da Astrologia Horária. Ela nos apresenta um caso com uma questão aparentemente trivial, uma cliente a procura para saber se deve aceitar uma oferta pelo seu apartamento, no entanto a resposta não é reduzida a uma conclusão de “sim” ou “não”, ela investiga, junto com a cliente, quais são as suas verdadeiras motivações, a partir das suas angústias e contradições.

No caso citado, em diálogo com a querente, a astróloga percebe que há outras questões envolvendo a pergunta: *devo voltar ao meu país? devo corresponder às expectativas da minha mãe?*<sup>7</sup> Ou seja, o que se mostra no oráculo é mais do que a objetividade da situação, é também o retrato de uma pessoa aflita que busca conforto e orientação.

Para Hyde, a função do astrólogo não deveria se limitar a verificar se a venda irá acontecer ou não. Ao contrário, pode ser um espaço para que o consultante reconheça os seus verdadeiros desejos e, a partir daí, assuma uma posição ativa diante da vida. Como ela afirma: “O simbolismo de um mapa horário radical revela a forma como nos movemos, mas o ponto crucial cabe ao consultante prosseguir com o assunto.”<sup>8</sup> (HYDE, 2017, p. 4)

A *perfeição* é um conceito muito caro a Astrologia Horária e a autora extrapola o seu sentido astrológico ao explorar a etimologia da palavra. Vinda do latim *facere* (fazer), ela remete à ação concreta. Hyde lembra que “é o consultante quem aperfeiçoa, e os planetas só podem aperfeiçoar se o consultante fizer as coisas acontecerem”. (HYDE, 2017, p.4)

Nesse ponto, a autora retoma uma distinção já presente em William Lilly: a diferença entre  *julgamento e resolução*. O astrólogo pode emitir um julgamento, mas a

<sup>6</sup> HYDE, Maggie. *Psychological Horary*. The Astrological Journal, London: Astrological Association, v. 35, n. 6, p. 353-360, nov./dez. 1993. Subsequent minor amendments, plus n.6. Sept. 2017. Disponível em: <http://www.cosmocritic.com>.

<sup>7</sup> O mapa apresentado por Maggie Hyde será retomado no capítulo 3, com uma análise mais detalhada.

<sup>8</sup> Infelizmente, não há uma tradução oficial deste texto para a língua portuguesa, portanto as citações presentes neste trabalho são traduções livres, realizada com auxílio de ferramentas como Google tradutor.

resolução exige ação por parte do consulente. Segundo Hyde, “O objetivo da horária é que o astrólogo ajude o consulente a encontrar uma maneira pela qual ele ou ela possa tomar alguma iniciativa no assunto questionado e, assim, levá-lo a uma resolução satisfatória.” (HYDE, 2017, p. 5)

O desejo do consulente, portanto ocupa um papel central. Ainda que não esteja explícito na formulação da pergunta, sempre atua como força motriz do processo oracular.

Quando Hyde afirma que “Lilly não precisa provar sua astrologia e não precisa prever qualquer coisa” (HYDE, 2017, p. 5) pensei na motivação inicial deste trabalho, no desconforto que senti diante de astrólogos que divulgam a Astrologia Horária como uma exibição de acertos. É claro que acertar a previsão é desejável, mas acredito que é preciso estar atento para não correr o risco de motivar a consulta astrológica pelo desejo do astrólogo de acertar ao invés de encaminhar o querente a sua boa fortuna.

Um mapa horário pode ser exato em seu simbolismo sem precisar ser determinista ou rigidamente preditivo. Afinal, “a querente não é um planeta, não está presa a um movimento orbital predeterminado” (HYDE, 2017, p.7). Esta frase me remeteu a outro momento de discussão no grupo Duranki quando o professor Simão Cortês disse que “o momento do oráculo é a dúvida, o momento da magia é a espera”. Quando uma pessoa busca o oráculo, ela pretende *realizar* algo: tomar uma decisão, fazer uma escolha. O bom atendimento deveria fazer com que a pessoa se sinta segura para agir e tomar as rédeas do seu Destino. “O oráculo dissipá a dúvida, clareia o caminho, revela o pronunciamento dos deuses quanto ao que queremos”.<sup>9</sup>

A leitura de Geoffrey Cornelius, em *O Momento da Astrologia*<sup>10</sup>, reforçou em mim esse entendimento. No capítulo 6, “A questão da horária”, Cornelius cita o astrólogo tradicional Guido Bonatti para confirmar que “o momento da horária é uma função da decisão humana” (CORNELIUS, 2025, p. 137), o resultado da junção entre a mente que desperta a intenção de investigar, os corpos celestes que imprimem sua marca e, por fim, o livre-arbítrio que conduz ao ato de perguntar. Cornelius mostra, assim, que a intencionalidade é constitutiva da horária e que o astrólogo, ao participar *criativamente* do processo, também colabora na definição do momento oracular. Dessa forma, cabe ao astrólogo não apenas dominar a técnica, mas também compreender o simbolismo do mapa:

<sup>9</sup> Postagem do professor Simão Cortês na sua conta no *instagram* @sastrology em 14 de janeiro de 2025.

<sup>10</sup> CORNELIUS, Geoffrey. *O Momento da Astrologia: origens na adivinhação*, traduzido por Simão Cortês, Editora Pogo, 2025.

“O problema da horária, como o de toda a astrologia, está para além da técnica. A técnica conta muito pouco se o astrólogo carecer de uma sensibilidade simbólica. (...) a capacidade de ver a adequação simbólica é muito mais útil como guia para um bom julgamento do que a aplicação mecânica de regras horárias rigorosas.”<sup>11</sup>

No capítulo seguinte, Cornelius retoma a linha de descendência da *katarche*, a arte augural da Antiguidade. Ao contrário do que a visão moderna muitas vezes espera da Astrologia, o augúrio não buscava responder “o que vai acontecer?”, mas sim uma pergunta de caráter mais complexo: “os deuses querem que façamos isto ou aquilo?”. A predição, nesse contexto, é a revelação da vontade divina em relação à ação humana. Gosto muito desta perspectiva porque ela reforça que o Destino não é algo fixo: ele é negociável, fruto da interação entre a iniciativa humana e o consentimento do sagrado. Cornelius sugere que a Astrologia Horária, vista sob essa luz, funcionaria como um pedido de bênção:

“Uma eletiva assume a qualidade de busca de uma bênção, a autorização das divindades astrológicas eleitas. (...) Essa mesma atitude encontra igualmente expressão em formas mais ativas: a dedicação de uma oração ou de um ritual a um deus, ou a criação de emblemas ou talismãs para evocar a participação de um deus. (...) Vista sobre o mesmo prisma, a astrologia horária reflete perfeitamente a antiga prática adivinhatória. É a procura de um presságio astrológico para indicar a vontade dos deuses – e, portanto, o resultado em termos de fortuna ou infortúnio – relativamente à iniciativa humana apresentada a esses deuses. O mapa horário é o equivalente ao pedido feito na adivinhação ritual: fazer uma horária é como “começar os ritos de sacrifício”.<sup>12</sup>

No capítulo 8, “Horária Revisitada”, Cornelius retoma análises de Astrologia Horária da tradição para defender que Lilly não tratava apenas da técnica astrológica e mostra o envolvimento simbólico do astrólogo. Um dos casos é o “Uma senhora, se se casará com o cavalheiro desejado” que irá reaparecer neste trabalho no próximo capítulo, porque foi uma das maiores inspirações para este texto, visto que mostra um astrólogo de “carne e osso” diante da sua conselente. Ao compartilhar conosco a reação da conselente, Lilly revela a realidade do fazer astrológico que muitas vezes não aparece nos livros. Estamos sempre diante de pessoas de verdade, com corações que podem sangrar com as

<sup>11</sup> CORNELIUS, Geoffrey. *O momento da astrologia: origens na adivinhação*. Tradução de Simão Cortês, Editora Pogo, 2025, p. 144 – 145.

<sup>12</sup> CORNELIUS, Geoffrey. *O momento da astrologia: origens na adivinhação*. Tradução de Simão Cortês, Editora Pogo, 2025, p. 168 – 169.

nossas palavras. A resposta era “não”, mas as lágrimas da querente à sua frente lhe permitiram olhar novamente para a carta e buscar a boa sorte.

Essa postura revela a potência criativa que a horária pode ter: ela não precisa ser apenas um relatório passivo, como se fosse uma previsão do tempo celestial. Pode ser, antes, uma intervenção capaz de abrir caminhos. Cornelius mostra que Lilly interveio por meio de uma eleição, usando o simbolismo de modo criativo para favorecer a consulente. E isso não significa que fosse necessário recorrer a práticas mágicas externas, pois, muitas vezes, a própria palavra do astrólogo já é um talismã, como aprendi nas aulas da Saturnália com professor João Acuio, a palavra do astrólogo, no momento da consulta, também é um amuleto.

A finalidade da horária não é fechar o Destino, mas abrir o espaço para que o consulente encontre o seu próprio fio de fortuna. É isso que Cornelius chama de seguir o símbolo até o nó do destino: o momento em que a decisão humana se encontra com o presságio astrológico.

A força da horária está, justamente, em mover as pessoas, em permitir que reconheçam seus desejos, suas contradições e suas possibilidades. Ela não é fatalista, ao contrário, é uma tradição artesanal cheia de sutileza, que combina rigor técnico com sensibilidade simbólica. O perigo, como alerta Cornelius, é cair no imediatismo, tomar a clareza aparente do mapa como um atalho para a resposta sem reflexão. Mas, quando é bem praticada, a horária revela não só o que pode acontecer, mas também como o consulente pode agir em direção à sua própria boa sorte: “Para que a horária tenha realmente significado, tem de mover as pessoas e permitir-lhes encontrar a sua própria fortuna”. (CORNELIUS, 2025, p. 179)

## Capítulo 3 – Revisão Crítica das Leituras dos Manuais de Astrologia Horária

### 3.1. Metodologia da análise dos casos.

Neste capítulo, irei me dedicar à análise crítica da leitura dos manuais de Astrologia Horária, comparando-os com exemplos de leituras feitas por astrólogos que utilizam o caminho da boa fortuna em sua análise.

Acredito ser importante reforçar que o objetivo não é julgar se a leitura dos astrólogos estava certa ou errada, uma vez que o que acontece entre o astrólogo e o cliente no momento oracular é irreproduzível. Não seria possível – nem justo – fazer esse julgamento, visto que as motivações que levam o astrólogo a escolher este ou aquele caminho na leitura do mapa é algo que tem um quê de mistério. Eu honro e respeito esse mistério, como também respeito o julgamento desses astrólogos mais experientes e sábios do que eu.

Dito isso, também destaco que ao escolher esses mapas para serem exemplos em um manual, o astrólogo assume a função de mestre e escolhe uma linha discursiva que irá compor a formação de novos astrólogos. Assim, as perguntas que motivam minha análise são: será que explicar apenas a técnica é suficiente? Esses manuais, enquanto ferramenta de função pedagógica, propõem uma reflexão sobre a prática? Levam em consideração o contexto, o cliente, as emoções e sensibilidades que cercam a questão? Para além das respostas certas ou erradas, estes manuais proporcionam a possibilidade de que o querente seja implicado no próprio Destino? A resposta descrita no manual é capaz de encaminhar o cliente para sua própria sorte, para sua boa fortuna? O que o estudante de astrologia pode aprender com esses manuais? Como eles contribuem para sua formação enquanto astrólogos quanto ao domínio da técnica, mas também quanto a ética do atendimento e a função do oráculo? É com essas questões em mente que irei propor uma reflexão sobre os mapas dos manuais analisados.

Os mapas foram reproduzidos exatamente como estão nos manuais<sup>13</sup>, com o sistema de casas adotado pelo astrólogo-autor. Da mesma forma, quando o astrólogo incluir os planetas Urano, Netuno e Plutão, estes também estarão presentes na carta. Contudo, para realizar a minha própria análise, irei considerar apenas os sete planetas tradicionais e o sistema de casas Regiomontanus.

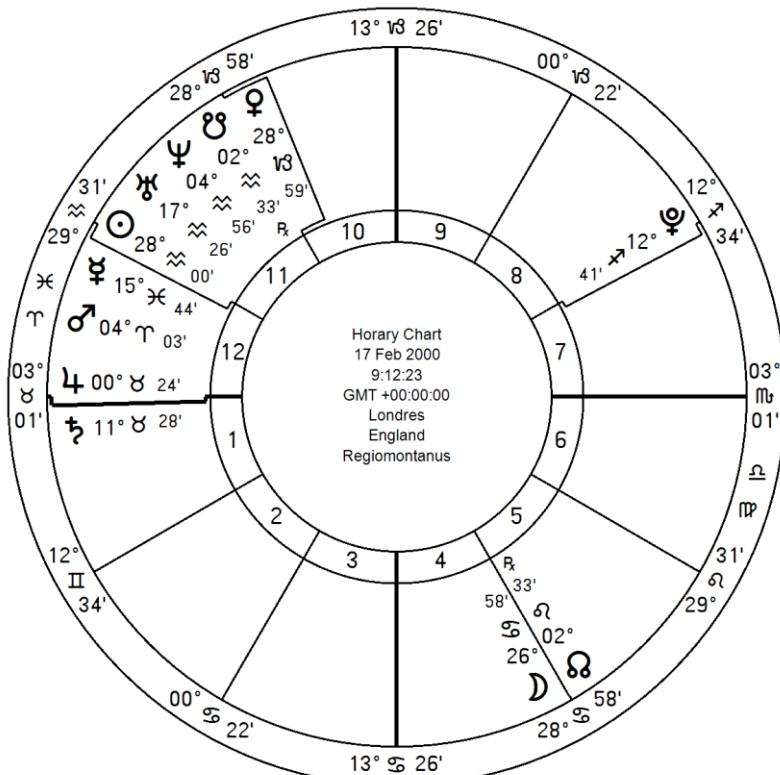
---

<sup>13</sup> Em alguns mapas, há uma pequena variação de minutos entre o mapa que foi publicado no livro e o mapa gerado no Janus. Nesses casos, priorizei a exatidão do grau do Ascendente, este está sempre idêntico ao mapa publicado nos livros citados. No texto, reproduzi com exatidão o grau e os minutos dos posicionamentos conforme a publicação do livro.

### 3.2. Despedaçar ou remendar um coração partido?

*Faça uma novena, reze um terço  
Caia fora do contexto  
(Invente seu endereço)  
A cada mil lágrimas sai um milagre  
(Alice Ruiz)*

A carta a seguir foi uma das inspiradoras para a realização deste trabalho. Em seu *Manual de Astrologia Horária*, John Frawley nos apresenta o seguinte mapa horário:



(Carta 03 – Ele me amava de verdade? - *Manual de Astrologia Horária*, John Frawley, p. 99)

A querente se casou ainda jovem, porque havia engravidado, mas conheceu outro homem por quem se apaixonou e que lhe dizia coisas maravilhosas. Porém, ela descobriu que ele estava com outra mulher, então ela queria saber: *Ele realmente me amava? Há um futuro para a nossa relação?* No livro, este mapa é utilizado para explicar o conceito de recepções e, realmente, é um bom exemplo. Afinal, o planeta significador da querente é a Vênus aos 29°00' do signo de Capricórnio, signo da exaltação de Marte, que é o significador do amante, pois é o regente da sétima casa, o que leva a crer que a querente está realmente muito apaixonada por esse homem. Em contrapartida, o significador do homem é Marte aos 04°04' de Áries, no seu próprio domicílio e no exílio da Vênus.

Ao analisar os significadores do rapaz, Frawley chega à triste conclusão: “ele a odeia”. (FRAWLEY, 2014, p. 100). No entanto, trata-se de uma pergunta sobre o passado,

o verbo *amava* está no pretérito-imperfeito. Esse movimento é bastante sagaz e, possivelmente, traz para a querente certo conforto de que precisa, sua história não foi uma mentira, pois, no passado, Marte estava no signo de Peixes, signo de exaltação da Vênus, portanto ele realmente a amava.

Todavia, a cliente tinha outra pergunta: *Há futuro para nossa relação?* Não há indícios no mapa de que ele volte a amá-la. Ele observa que a Vênus está prestes a mudar de signo, logo os interesses da querente irão mudar, pois ela deixa a exaltação de Marte para o domicílio de Saturno. Nesse momento, ele inclui um terceiro personagem na narrativa, o marido traído, representado por Saturno em Touro. Assim ele conclui que “Há um futuro para nossa relação? Não; principalmente porque em breve ela não vai mais querer”. (FRAWLEY, 2014, p. 102)

Dessa forma, as perguntas estariam respondidas: sim, ele a amava de verdade, no entanto, não, não há futuro na relação, porque, em breve, ela irá mudar de interesse. Mas Frawley não encerrou sua análise aqui.

Em resumo, ele passa a observar as recepções entre Saturno e Vênus, como ele atribuiu a Saturno o significador do marido traído, então percebe que ele a ama, pois está em Touro, no domicílio da Vênus que, ao ingressar em Aquário, passará ao domicílio de Saturno, retribuindo ao amor dele sem a “distração” da exaltação, que acontece quando está em Capricórnio, signo que oferece domicílio a Saturno (o marido) e exaltação a Marte (o amante). Acredito que essa informação poderia ser acrescentada à resposta, afinal o marido faz parte da situação, logo não há futuro na relação, porque ela irá esquecer o amante e perceber que ama o marido. Porém, ele também não encerra aqui. E deseja saber por que ela irá mudar de interesse repentinamente.

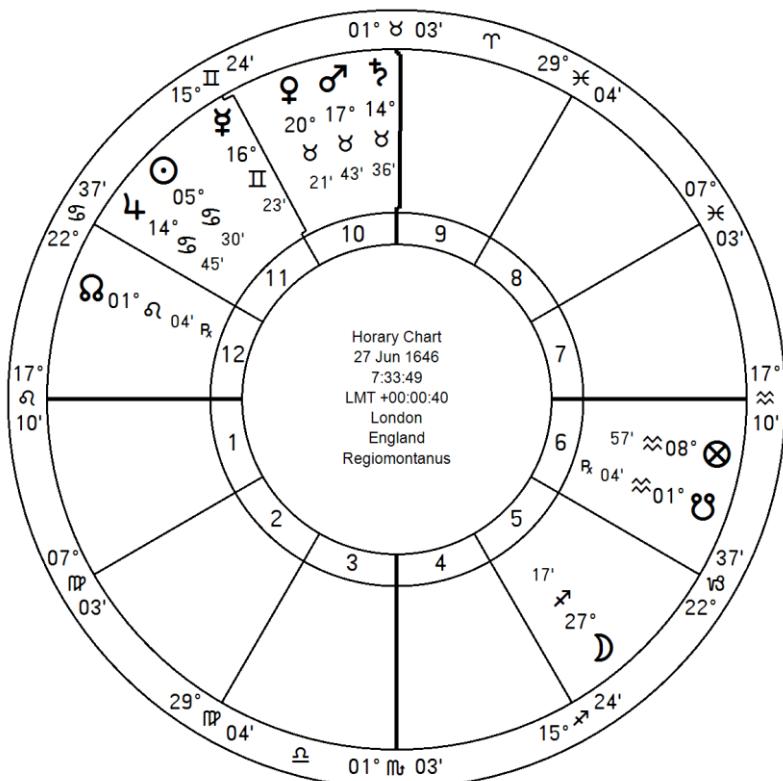
Então, ele passa a analisar a oposição entre Lua e Vênus, o aspecto, a princípio, poderia indicar apenas o conflito emocional da querente. Porém, como a Lua em Câncer está na cúspide da Casa 5 e é também sua regente, ele afirma que a querente irá engravidar. E, por ser um aspecto aplicativo, **no futuro**, do atual marido.

Em resumo: a cliente é uma mulher apaixonada que quer saber se o amor que viveu foi verdadeiro e se há chances de que esse relacionamento tenha futuro. O astrólogo responde a sua questão, podemos supor que ela ficou satisfeita ao saber que foi amada, que não viveu uma mentira, poderia se conformar com a informação de que a relação chegou ao fim. Mas como será que ela recebeu a informação de que não só a relação não tem futuro, mas isso irá acontecer porque ela irá engravidar do seu marido, em breve, e, segundo o astrólogo, devido à oposição, ela não ficará feliz com a gravidez?

Além de ser questionável o fato de uma oposição entre o significador da querente e o significador da Casa 5 representarem uma gravidez, trata-se de um acontecimento futuro e, possivelmente, **evitável**. Será que essa resposta foi apresentada à querente como um aconselhamento ou como um acontecimento fatalista? Foram muitos os questionamentos que me fiz após ler essa análise: será que essa cliente ficou mais aliviada com essa consulta? Ou mais angustiada? A sentença de que ela irá engravidar a coloca no caminho da boa fortuna?

Esta leitura crítica foi proposta pela professora Júlia Garcia de Oliveira em sala de aula. Lembro-me de ter ficado levemente indignada, o meu sentimento foi que o astrólogo ultrapassou um limite, de que ele trouxe um problema que a querente ainda não tinha. Na formação em Astrologia da escola Saturnália, um dos aprendizados que mais me marcou foi o de que o astrólogo é aquele que torna a vida da pessoa melhor. Como será que ficou a vida da cliente após essa resposta? Frawley não nos conta essa parte.

Em contrapartida, vejamos como William Lilly em *Astrologia Cristã* aborda uma questão de relacionamento que também envolve uma querente aflita:



(Carta 04 – Uma senhora, se se casará com o cavaleiro desejado, *Astrologia Cristã*, William Lilly, p. 385)

A senhora em questão tinha um pretendente que recusou. No entanto, após recusá-lo, apaixonou-se por ele. Estava, portanto, *amargamente arrependida*, nas palavras de Lilly, e procurou o astrólogo para saber se teria uma nova chance.

O Sol aos 05°30' de Câncer representa a querente, enquanto Saturno aos 14°36' de Touro representa o cavalheiro desejado. Lilly observa que a Lua a 27°17' de Sagitário está vazia de curso e que, ao ingressar em Capricórnio, o primeiro aspecto que fará é uma oposição ao Sol, a querente. Sendo a Lua cossignificadora da querente, o julgamento de Lilly é:

“Disse-lhe que o cavalheiro não tinha inclinação ou disposição para ela; como a Lua se separava de vazia de curso e se aplicava a uma oposição ao Sol, regente do ascendente, indicava que havia poucas esperanças de efetivação do seu desejo, **porque ela própria, pela sua própria maldade, se tinha feito tão grande mal.**”<sup>14</sup>

Nesse momento, Lilly inclui no seu texto algo que considero muito importante para quem está aprendendo Astrologia: diferentemente de Frawley, ele nos descreve a reação da querente, o seu desespero e como ele lida com essa reação. Ela cai em lágrimas e pergunta se não há nada que possa **fazer**, há o desejo da querente de mudar o seu Destino. Lilly se compadece da mulher e revela que “comecei a considerar quais **esperanças existiam na figura**”. (LILLY, 2004, p. 386)

Podemos notar a diferença entre a abordagem de Frawley e de Lilly. Primeiramente, Lilly não se limita a apresentar a técnica utilizada. Em seguida, ele compartilha conosco a presença da cliente diante dele, conseguimos imaginá-la e também sentir empatia por ela, afinal, todos sabemos como é difícil se arrepender de uma decisão ruim, ele a humaniza. É essa a realidade que encontramos em nossos atendimentos, clientes aflitas, arrependidas e apaixonadas. E qual é o papel do astrólogo diante dessa cliente de coração partido? Percebemos que, para Lilly, não é simplesmente dar-lhe uma resposta. Trata-se de entregar a ela o caminho da boa fortuna, o que Lilly faz ao buscar *encontrar esperança na figura*.

A princípio, ele considera que o Sol se aplicando por sextil a Saturno é um testemunho, ainda que frágil, de reconciliação. Não há como ignorar um Júpiter exaltado em uma carta. Lilly percebe que ele pode ser a esperança: “Júpiter estava na sua exaltação e que, sendo um planeta afortunado que está sempre a ajudar a natureza e os aflitos, seria capaz, pela sua força, de moderar e banir a maldade de Saturno” (LILLY, 2004, p. 387) Então ele a aconselha a procurar auxílio junto a Júpiter, ou seja, alguém “de distinção e mérito”, a quem este cavalheiro admira e em quem confiava, pois este senhor poderia

---

<sup>14</sup> LILLY, William. Astrologia Cristã. Tradução CCM, QHP. Biblioteca Sadalssud, 2004, p. 387.

interceder por ela. Ele aconselha que ela faça essa movimentação o quanto antes, observando nas efemérides quando os aspectos ficariam perfeitos.

“O meu conselho foi seguido e o resultado foi este: através dos esforços do cavalheiro, o assunto foi induzido de novo, o casamento efetuado, e tudo dentro dos vinte dias seguintes, para contentamento da triste (mas, quanto a mim, mal-agradecida) senhora, etc. Em astrologia, a verdadeira razão desta atuação é não mais do que, primeiro uma aplicação dos dois significadores a um sextil, viz. o regente da sete e o da um. Seguidamente, a aplicação da Lua ao regente do ascendente, apesar de ser uma oposição, contudo com recepção, era outro pequeno indício; **mas a principal circunstância, sem a qual esta figura não se realizaria, era a aplicação de Júpiter a um sextil a Saturno**, regente da sete, recebendo a virtude que Saturno lhe dava e que ele transferia de novo para o Sol, regente do ascendente, não encontrando ele, viz. Júpiter, qualquer forma de proibição ou de frustração”.<sup>15</sup>

O ensinamento mais precioso desta análise, ao meu ver, é *buscar esperança na figura*. Havia o desejo da querente de fazer algo que pudesse mudar a sua situação, o aconselhamento do astrólogo fez com que ela se movimentasse, ou seja, ela se implicou no seu Destino e buscou a sua Sorte. As palavras e o aconselhamento foram uma espécie de *magia*, como se esse homem, que intermediou a relação, incorporasse Júpiter exaltado em Câncer e realizasse um pequeno milagre. Não deixa de ser bonito acreditar que podemos encontrar o grande benéfico em um amigo, de carne e osso, que pode nos ouvir e ajudar a seguir o nosso Destino.

Gosto, particularmente, da Astrologia Horária justamente porque ela lida com as nossas questões cotidianas, são elas que tiram o nosso sono, que bagunçam a nossa paz, que nos colocam em um estado neurótico que impede de ver até mesmo uma possibilidade simples. Nota-se que Lilly não lhe apresentou nada de extraordinário, não fez uma “amarração” ou ofereceu “trago seu amor de volta em sete dias” como é a promessa de muitos, mas foi exatamente isso que ele fez, ou melhor, que levou a senhora a fazer por ela mesma, ela trouxe de volta a si o seu amor. São essas as questões que nós, astrólogos, recebemos diariamente, nossa função é, portanto, orientar as pessoas que estão em aflição, para que possam encontrar os pequenos milagres que estão em seu caminho. “A cada mil lágrimas, sai um milagre”.

---

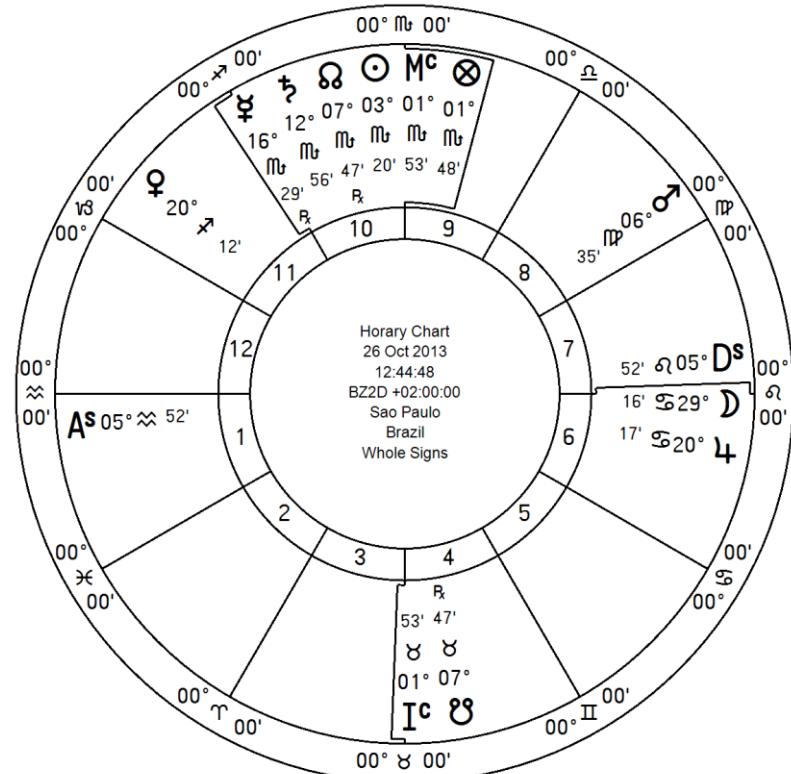
<sup>15</sup> LILLY, William. Astrologia Cristã. Tradução CCM, QHP. Biblioteca Sadalssud, 2004, p. 387.

3.3. Em casa de ferreiro, o espeto tem que ser de ferro<sup>16</sup>.

Sabemos que, embora pouco recomendado, os astrólogos também levantam cartas horárias para suas próprias questões. Veremos a seguir duas abordagens em que astrólogos utilizam a horária para suas próprias perguntas.

A astróloga Clélia Romano, em seu livro *Astrologia Horária*, categoriza a carta a seguir no capítulo “Horárias de casa 02”, que seria o capítulo referente a objetos perdidos, porém a análise tomou rumos inesperados e questionáveis.

Clélia abre o capítulo dizendo que irá adotar a técnica de Dorotheus e outra, a qual não descreve exatamente qual será. Em seguida, afirma que a coisa mais difícil que existe em Astrologia Horária é saber onde está um objeto. De forma bem-humorada, ainda diz “O mestre Lilly que me perdoe, mas até hoje não consegui fazer uso da sua técnica. No presente exemplo, mostro como trabalho com objetos perdidos” (ROMANO, 2019, p. 162). Eis o exemplo:



(Carta 05 - Vou encontrar a máquina fotográfica? - *Astrologia Horária*, Clélia Romano, p. 165)

<sup>16</sup> Essa frase foi dita em aula pelo professor João Acuio na ocasião do início de um de seus cursos na data em que Júpiter em Câncer estava Cazimi, lembrando que o astrólogo deve usar o conhecimento astrológico para sua própria vida. Acredito que o bom uso do conhecimento astrológico também encaminha o próprio astrólogo a sua Boa Fortuna.

A autora apresenta o contexto: foi uma pergunta feita por ela mesma, que estava muito tensa por não encontrar uma máquina fotográfica recentemente adquirida. Na época, havia pintores em sua casa e, logo após o quarto ser pintado, sentiu falta da máquina fotográfica que estava guardada em uma gaveta. Havia também uma empregada na casa, que trabalhava há cerca de três meses, considerada por ela muito eficiente e simpática. A ela, ficou o encargo de supervisionar os pintores e limpar o cômodo após o trabalho deles.

O texto inicial já dá indícios da mudança de rumo que a pergunta irá tomar. A autora afirma que costuma perguntar apenas se irá encontrar o objeto e em quanto tempo. Mas, ao elencar todas essas pessoas na introdução da análise, percebe-se que ela desconfia de que alguém possa estar envolvido na perda do objeto, ou seja, parece que ela quer saber se a máquina foi roubada.

As posses da querente são representadas pela Casa 2, no signo de Peixes, logo a câmera fotográfica é Júpiter exaltado em Câncer, por isso podemos imaginar que se trata de um objeto valioso. O Ascendente está a 05°52' de Aquário, portanto é regido por Saturno a 12°56' de Escorpião, o qual representa a própria astróloga. A Lua está nos últimos graus, como já foi visto, trata-se de uma condição em que **não é seguro julgar**. Porém, a astróloga seguiu com a sua análise.

“A Lua está **dignificada** por signo, mas está cadente e na casa dos empregados. Acabou de se separar de Júpiter, a máquina. Deduzi **com facilidade** que o objeto estava com uma empregada minha, muito capaz, mas **indigna**, por ter perdido a conjunção com Júpiter. (...) **Despedi a empregada com dor no coração sem explicar o motivo**. Nunca mais encontrei a máquina fotográfica.”<sup>17</sup>

Não sei se consigo colocar em palavras a surpresa que eu senti ao terminar de ler essa análise e perceber que uma pergunta sobre objeto perdido terminou na demissão de uma funcionária, aparentemente, muito competente. Imagino quantos problemas não teríamos se as pessoas decidissem simplesmente acusar umas às outras pelo sumiço dos seus objetos tendo como argumento uma leitura de Astrologia Horária.

Não que eu duvide do oráculo, de forma alguma, mas duvido da nossa capacidade de interpretação, principalmente, quando realizamos leituras para nós mesmos e quando o mapa tem alertas, como é o caso da Lua nos últimos graus de um signo. Consigo imaginar que houvesse motivos para a astróloga desconfiar do roubo da máquina, havia

---

<sup>17</sup> ROMANO, Clélia Maria Virgínia R. *Astrologia Horária: Teoria e Prática*. 1. ed. São Paulo, 2019, p. 166.

pessoas estranhas em sua casa, a máquina parece ser valiosa, mas, por mais que haja confiança no oráculo e na sua própria leitura, é importante lembrar que não cabe o astrólogo ser juiz, acusar ou condenar as pessoas.

Além disso, não deixa de ser curiosa a escolha das palavras, a autora diz que a empregada é **indigna**, porém ela é representada por uma Lua em Câncer, um planeta que está, justamente, **digno**. O fato de estar na Casa 6, ao meu ver, contribuiria mais para um testemunho de radicalidade do mapa do que um questionamento sobre a índole da empregada. Afinal, a Casa 6 diz respeito, justamente, aos empregados. Ou seja, a Lua em Câncer representa a empregada. Por ser um planeta em dignidade, confirma o que a própria autora afirma sobre ela, que se tratava de uma boa funcionária.

Caso a pergunta fosse se a máquina fotográfica foi roubada, convinha analisar as condições do regente da Casa 7. Na carta, trata-se do Sol a 03°20' de Escorpião. Este luminar é um forte candidato ao possível ladrão, porque, segundo Lilly, o ladrão é representado pelo planeta peregrino e angular. (LILLY, 2004, p. 397) Temos dois planetas angulares - Mercúrio e Sol, porém o Sol não tem nenhuma dignidade, enquanto Mercúrio aos 16°29' de Escorpião está nos próprios termos. Portanto, o Sol indicaria quem poderia ter roubado a câmera fotográfica e não a Lua.

De fato, não há indícios claros no mapa de que a querente irá encontrar a máquina fotográfica, mas, devido ao aspecto separativo entre o regente da Casa 6 e o regente da Casa 2, talvez valesse mais a pena perguntar a empregada se ela tinha visto a máquina fotográfica, se sabia onde ela estava ao invés de demiti-la sem explicações – e sem provas.

Em *Astrologia Cristã*, Lilly também compartilha conosco uma análise de Astrologia Horária que ele fez para si mesmo para saber quem tinha lhe roubado. No entanto, diferentemente da Clélia, ele inclui esse exemplo nas perguntas de Casa 7:

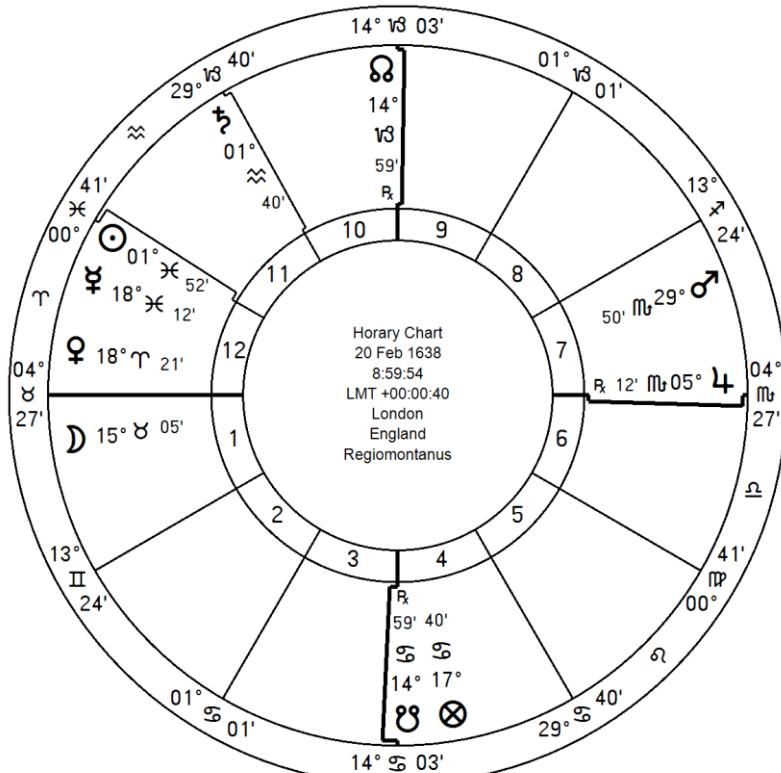
“(...) A verdade é que eu sempre verifiquei que se um planeta peregrino estivesse no ascendente, ele era significador do ladrão; a seguir ao ascendente, preferi o ângulo Sul, depois o ângulo Oeste, depois a quarta casa e em último lugar a segunda; muitos planetas peregrinos em ângulos, muitos são os suspeitos, e com razão se estiverem em conjunção, sextil ou trígono; negarão, se estiverem em quadratura ou oposição; **preferir sempre como significador o planeta peregrino que estiver mais perto da cúspide do ângulo em que ele se encontrar.**”<sup>18</sup>

Lilly havia comprado peixes para passar a Quaresma, porém o barqueiro informou

---

<sup>18</sup> LILLY, William. Astrologia Cristã. Tradução CCM, QHP. Biblioteca Sadalssud, 2004, p. 394.

que seu armazém havia sido assaltado. Ou seja, ao contrário do exemplo anterior, havia a **certeza do roubo**, o que ele gostaria de saber é se seria possível recuperá-lo parcialmente ou totalmente. E então, levantou a figura:



(Carta 06 – Peixe Roubado, *Astrologia Cristã*, William Lilly, p. 397)

É evidente a radicalidade do mapa, o objeto roubado foi um peixe, o regente da segunda casa é Mercúrio em Peixes. Aplicando os critérios elencados por Lilly para identificar o ladrão, nota-se que Júpiter aos  $05^{\circ}12'$  de Escorpião é um planeta peregrino e no ângulo, também em um signo de água, assim ele concluiu que o homem que estava com seu peixe, “tinha como profissão ou vocação viver sobre as águas” (LILLY, 2004, p. 387). O astrólogo julga também que recuperaria seus bens, ainda que não fosse totalmente, uma vez que a Lua se aplica por sextil a Mercúrio.

Lilly, com a resposta do oráculo, se coloca em ação para recuperar os seus bens (ou que sobrou deles), sua função não é punir ninguém, tanto que o desfecho da situação é até bem-humorado.

Considero relevante para a discussão a análise desses dois mapas, porque, como disse anteriormente, as pessoas buscam o oráculo quando sua capacidade de julgamento e tomada de decisão colapsa, ainda que sejam elas mesmas os astrólogos. Quando realizamos uma leitura para nós mesmos é importante que tenhamos a cautela de perceber

se não estamos extrapolando os limites da interpretação para chegar a uma resposta que satisfaça o nosso ego. Principalmente, em se tratando de uma questão séria que envolve a acusação de roubo.

Sobre as questões relativas a roubo, Frawley afirma que:

“A maior parte das coisas está perdida porque não conseguimos lembrar onde nós a pusemos, mas, assim que descobrimos que elas se foram, pensamentos de roubo, ou pelo menos tentativa de pôr a culpa em alguém nos assolam. O astrólogo sensato não deve encorajar esse tipo de coisa. Eu sugiro fortemente que você não envolva um ladrão, a menos que o querente mencione a possibilidade de roubo.”<sup>19</sup>

Em seguida, ele indica que, se o querente sabe que foi roubado é diferente, porque não é o mapa que realiza a acusação, uma vez que não precisamos provar o fato do roubo. Nesse caso, podemos seguir o exemplo de Lilly e realizar a pergunta para saber se é possível reaver o objeto roubado. Já no caso da carta analisada pela Clélia, não fica claro qual é o objetivo da análise e nem quais são as técnicas utilizadas para chegar a conclusão “com facilidade” de que a empregada havia roubado a máquina fotográfica.

Escolhi esses mapas para mostrar a diferença de abordagem para questões de mesma natureza e também para mostrar leituras diferentes feitas pelo astrólogo para perguntas que ele mesmo realizou. Nota-se que, enquanto instrumentos de ensino, o primeiro é, no mínimo, arriscado. Uma vez que não ensina ao que se propõe - encontrar o objeto perdido - e não explica, com clareza, como é possível afirmar que se trata de um roubo. É até possível, diante do contexto e da condição do regente da Casa 7, desconfiar que houve um roubo, porém cabe o questionamento: é ético que o astrólogo faça essa acusação? E que, em seguida, realize a sua própria punição: a demissão da funcionária?

A Astrologia é o oráculo de Mercúrio, não de Júpiter. Por isso, ao lidar com questões que envolvem perdas de objeto, parece-me razoável seguir as orientações de Frawley e não procurar no mapa um ladrão a não ser que o querente saiba que foi roubado.

Em caso da certeza do roubo, convém analisar o mapa conforme William Lilly, para verificar se será possível reaver os bens. Somente em caso positivo, pode ser produtivo identificar quem seja o possível ladrão. Ainda assim, cabe a prudência de se perguntar: o que fazer diante da resposta? Em sua análise, Lilly **se coloca em ação** e consegue um mandado para ir em busca do seu peixe, acompanhado dos guardas.

---

<sup>19</sup> FRAWLEY, John. *Manual de astrologia horária*: edição revista. Tradução de Marcos Monteiro, Apprentice Books, 2014, p.185.

Sabemos que, nos dias atuais, isso não é nada simples. Não parece ético ou razoável, responder a uma pessoa quem pode ser o ladrão se ela não puder fazer nada a respeito, se ela não tiver provas reais para acusar alguém.

Deixemos os assuntos de Júpiter sob os seus domínios!

### 3.4. Entre o Sim e o Não: a horária como aconselhamento.

É muito comum que os clientes nos procurem para saber o que **deveriam** fazer. Clélia Romano, diante da questão - *Devo dar o dinheiro que minha irmã me pede?* - afirma que “ao astrólogo, não cabe uma atitude moral do tipo o que é correto ou não” (ROMANO, 2019, p. 170). Para Frawley:

“Tenha cuidado com perguntas que não peçam informações, mas algum tipo de permissão celeste para fazer o que o querente esteja afim de fazer (...) Uma pergunta como ‘Devo pedir o divórcio?’ tem tudo a ver com a moralidade pessoal do querente e nada a ver com nada que possa ser encontrado num mapa astrológico. Eu não acho que dar permissão celeste seja parte do trabalho de um astrólogo.”<sup>20</sup>

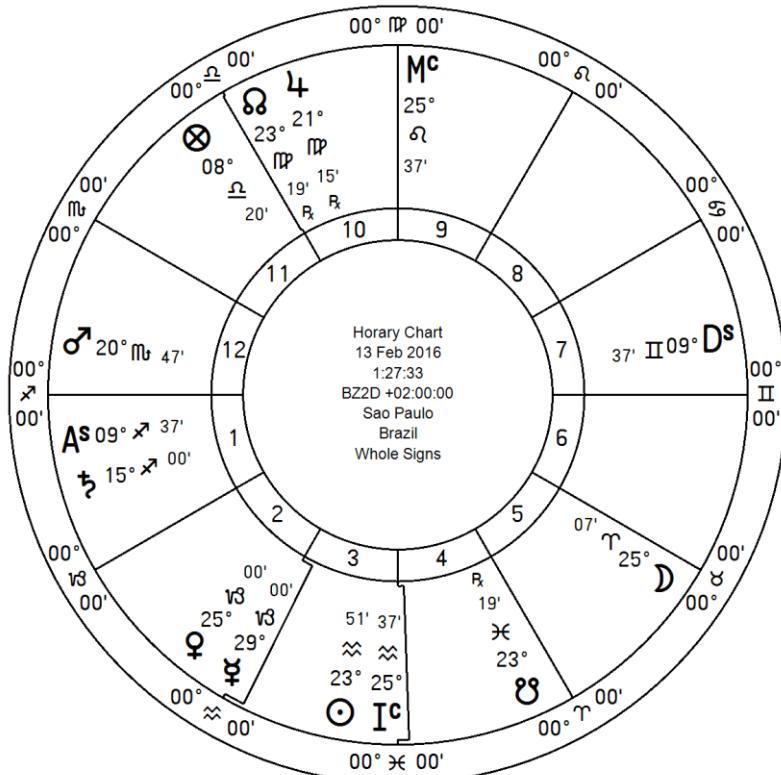
Esta visão parte do pressuposto de que, se o cliente pergunta se deve fazer algo e o astrólogo responde que “sim” ou “não”, ele estaria determinando o que o cliente irá, de fato, fazer. Mas, na prática, nem sempre é assim que acontece.

Começaremos com o mapa analisado por Clélia Romano em seu livro *Astrologia Horária*<sup>21</sup>. A autora classifica o mapa como “Horárias de Casa 3”, pela relação entre a querente e a pessoa que receberá o dinheiro, a irmã. Ela afirma que a pergunta é ambígua. Realmente, podemos pensar que uma pessoa que pergunta se deve dar o dinheiro tem outras preocupações, como se irá receber o dinheiro de volta, por exemplo. Mas a situação era a seguinte: a irmã está em uma situação difícil e precisaria do empréstimo para mudar de casa. A querente, no entanto, tem dúvidas, pois já realizou, anteriormente, empréstimos que não foram honrados. Mas, na situação que levou a pergunta, seria uma doação, pois a querente está em boa situação financeira. O mapa é bem radical, pois descreve a dinâmica entre as irmãs:

---

<sup>20</sup> FRAWLEY, John. *Manual de astrologia horária: edição revista*. Tradução de Marcos Monteiro, Apprentice Books, 2014, p.174.

<sup>21</sup> ROMANO, Clélia Maria Virgínia R. *Astrologia Horária: Teoria e Prática*. 1. ed. São Paulo, 2019.



(Carta 07 - Devo emprestar o dinheiro que minha irmã me pede? - *Astrologia Horária*, Clélia Romano, p. 170)

A querente é representada pelo Ascendente a 09°37' de Sagitário, o planeta que a representa é Júpiter a 21°15' de Virgem, em condição de exílio. Júpiter, o grande benéfico, em Virgem, não está na sua condição mais generosa. Afinal, Virgem é o signo que encerra o verão mítico, sabe que é preciso poupar, ser prudente e planejar para as próximas estações onde há escassez. A irmã, por sua vez, realmente depende dela, pois é Saturno aos 15°00' de Sagitário, está na casa de Júpiter, nos domínios da querente. A astróloga atribui à irmã o planeta na terceira casa, o Sol a 23°51' de Aquário, o que reforçaria essa leitura, pois o planeta está em exílio, na casa de Saturno, que, por reinar a segunda casa, é também o dinheiro da querente, a irmã depende do dinheiro dela. Em seguida, ela analisa a Lua a 25°07' de Áries, na Casa 5, que faz aspecto ao Ascendente, e é disposta por Marte em Escorpião na Casa 12. A conclusão a que chega a astróloga é:

“A cliente está muito vinculada a seu próprio dinheiro e não se sente motivada a dá-lo a irmã, pois **não há afeto por ela**. (...) Minha resposta foi que ela acabaria não dando o dinheiro à irmã por uma série de razões: ou porque precisava dar para os filhos, ou porque queria o dinheiro para si.”<sup>22</sup>

<sup>22</sup>ROMANO, Clélia Maria Virgínia R. *Astrologia Horária: Teoria e Prática*. 1. ed. São Paulo, 2019, p. 171.

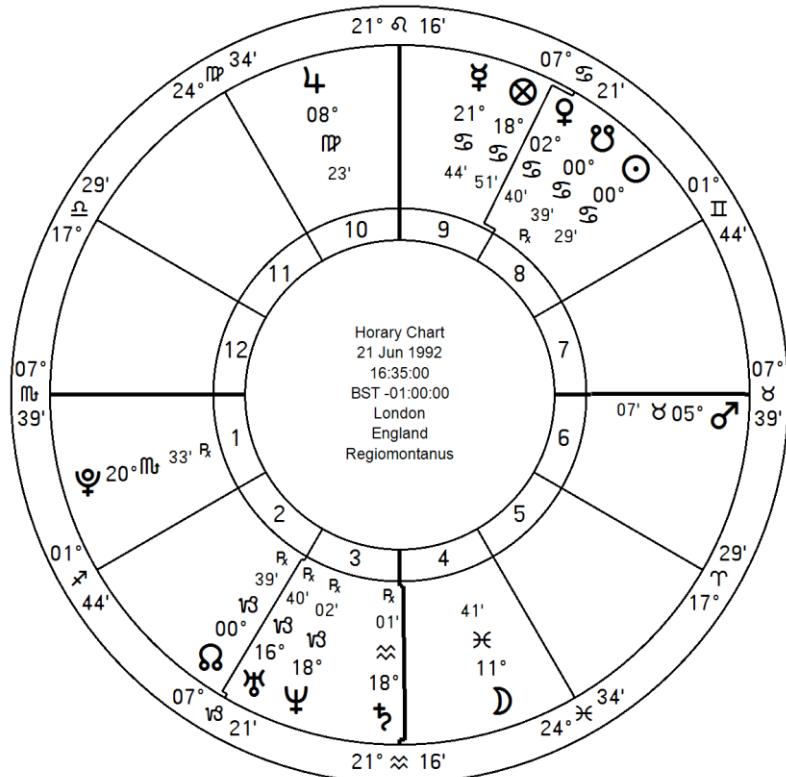
Percebe-se que a resposta da astróloga foi uma afirmação sobre o que a querente *faria* e não o que ela *deveria* fazer. Após algum tempo de prática oracular, notamos que os clientes nem sempre realizam aquilo que dizemos que eles irão fazer. Se a querente perguntou se deveria dar o dinheiro à irmã, não necessariamente a astróloga precisa dizer que “não, você não irá dar o dinheiro”, mas poderia aconselhá-la de outra forma.

A Lua em Áries é a cossignificadora da querente, está na Casa 5, a casa dos filhos. A Lua está no domicílio de Marte e do Sol, o luminar, segundo a autora, é a irmã, logo não sei se seria correto afirmar que não há afeto da querente pela irmã. Marte, como regente da Casa 5, representa o filho, que está na Casa 12, uma casa de aflições. É razoável, nessa situação, perguntar à cliente se ela está preocupada com o filho. Em seguida, a autora acrescenta que a cliente realmente tinha essa preocupação, que guardava o dinheiro, pois tem um filho com problemas, necessitando de assistência constante. Há duas perfeições no mapa: a Lua fará uma quadratura com Mercúrio a 29°00' de Capricórnio e Marte fará um sextil a Júpiter a 21°15' de Virgem. Observando esses aspectos, o meu aconselhamento seria lhe dizer que o filho poderia lhe demandar ajuda financeira e talvez, por isso, não fosse o melhor momento para doar o dinheiro à irmã, a não ser que ela pudesse ajudar os dois.

É curioso que a autora inicia o capítulo dizendo que não cabe ao astrólogo uma atitude moral, mas, em seguida, afirma que a cliente está pensando em si mesma e que não nutre afeto pela irmã. As questões são ambíguas, mas, as análises, às vezes, também são.

Irei retomar o artigo *Psychological Horary* de Maggie Hyde para analisarmos a leitura que ela faz de uma questão que também busca um aconselhamento. Maggie Hyde estava realizando a leitura do Mapa Natal dessa mulher, quando surgiu a pergunta: *Devo aceitar a oferta?*

A cliente vive em um país estrangeiro e tinha colocado seu apartamento à venda apenas para apaziguar a mãe, que desejava que ela retornasse à terra natal, porém recebeu uma oferta e estava em dúvida se deveria aceitar, pois acreditava que aceitá-la poderia significar uma mudança mais importante em sua vida. Então, Maggie levantou o mapa horário:



(Carta 08 - Devo aceitar a oferta? - *Psychological Horary*, Maggie Hyde, p. 3)

A querente é o Ascendente a 07°39' de Escorpião, portanto é regida por Marte a 05°07' de Touro, trata-se um planeta em debilidade, o que poderia representar literalmente a condição da querente - o exílio - e sua dificuldade em fazer alguma coisa para modificar a insatisfação com a própria vida. A compradora é a Vênus a 02°40' de Câncer, a pessoa que realizou a oferta se tratava de uma senhora. Para indicar que uma negociação irá acontecer é preciso que haja um aspecto entre os significadores da Casa 1 e da Casa 7. Nesse caso, o aspecto não só se realiza, como também acontece por sextil, um aspecto benéfico. Logo, os testemunhos levaram a astróloga à seguinte conclusão:

“Eu julguei que ela deveria aceitar a oferta e dei-lhe a minha opinião nesse sentido. Ela disse que pensaria sobre isso. Então, **como Marte em Touro, ela não fez nada**. O comprador desistiu e procurou uma propriedade em outro lugar e a mulher ficou em seu apartamento. Grande lição para minha compreensão do método horário tradicional.”<sup>23</sup>

Coube a Maggie fazer o aconselhamento, dizer que acreditava ser um bom negócio aceitar a oferta. Mas, se a querente não tomar a decisão, nada acontece. Quantas vezes, recebemos clientes que perguntam: *Vou encontrar um namorado?* Mas sequer

<sup>23</sup> HYDE, Maggie. *Psychological Horary*. The Astrological Journal, London: Astrological Association, v. 35, n. 6, p. 353-360, nov./dez. 1993. Subsequent minor amendments, plus n.6. Sept. 2017, p. 4.

estão saindo de casa. Portanto, Maggie se põe a analisar o que aconteceu nessa questão. Quais seriam os motivos para que a querente não aceitasse a oferta:

“O que aconteceu aqui? Uma questão fundamental é entender o que significa o conceito de “perfeição” do método horário. Quando os significadores se aplicam, **isso significa que o querente deve aceitar a oferta ou que ela aceitará a oferta?** Muitos praticantes de horária assumem que se os significadores se aplicam por um aspecto principal, isso irá inevitavelmente, de uma forma do destino, reunir consultante e quesito, independentemente de qualquer **ação** tomada por qualquer um deles. Isso mostra uma má compreensão da astrologia tradicional, e é esse desejo simplório de uma previsão do destino que dá à horária grande parte de sua má reputação. (...) **Se ele ou ela não fizer nada, não tomar iniciativa e não procurar implementar o simbolismo do mapa, os movimentos astronômicos dos planetas não aperfeiçoam nada.**”<sup>24</sup>

Juntamente com a cliente, a astróloga investigou o que estava por trás da oferta. Aceitar vender o apartamento implicava aceitar também o retorno à terra natal, lidar com os problemas familiares e com o trauma com a morte do irmão mais novo. Aceitar a oferta era também aceitar mergulhar nessas dores, por esta ótica, já não parece uma questão verdadeiramente simples. (HYDE, 2017, p. 6). Por fim, a oferta foi feita, novamente, dois meses depois e, então, mais consciente das questões envolvidas, a querente a aceita, realiza a perfeição prevista no mapa horário e move-se em direção ao seu Desejo.

A ideia de que o mapa horário oferece um aconselhamento ao invés de determinar, categoricamente, o que a pessoa irá fazer, me agrada mais. Considero importante esse deslocamento de responsabilidade, o oráculo oferece o conselho, cabe à pessoa decidir, por si mesma, o que irá ou não fazer.

Uma coisa que nos diverte na *internet*, por exemplo, é ver pessoas dizendo que fazem isto ou aquilo porque são de um determinado signo. É uma brincadeira, mas também é uma espécie de *fuga* da responsabilidade. O mesmo acontece com a resposta do oráculo, é fácil dizer: “*Minha astróloga disse para eu não emprestar o dinheiro*”. Quando a resposta atende o desejo do cliente, ele a usa como justificativa. Quando não, ele a ignora. Esta será uma questão presente em nossos atendimentos, não há como evitá-la. Mas acredito que a melhor forma de lidar com ela seja, justamente, implicar o cliente em suas decisões, aconselhar e torcer para que as escolhas sejam as melhores possíveis.

---

<sup>24</sup> HYDE, Maggie. *Psychological Horary*. The Astrological Journal, London: Astrological Association, v. 35, n. 6, p. 353-360, nov./dez. 1993. Subsequent minor amendments, plus n.6. Sept. 2017. Disponível em: <http://www.cosmocritic.com>, p. 4.

### 3.5 – A boa fortuna em mapas com considerações antes do julgamento

Existe uma polêmica em torno das “considerações antes do julgamento”. É uma das coisas que me fascinam na Astrologia Horária, por ser uma espécie de *segredo* desse oráculo. Existem sinais dos céus de que o mapa não deve ser julgado. Lilly lista, no segundo livro de *Astrologia Cristã*, quais são as considerações a serem feitas antes de julgar uma carta. Frawley refuta essas considerações, para ele “todo os mapas podem ser analisados, a astrologia não para de funcionar” (FRAWLEY, 2014, p. 175), ele argumenta que as considerações antes do julgamento não passam de desculpas para o astrólogo evitar o seu comprometimento.

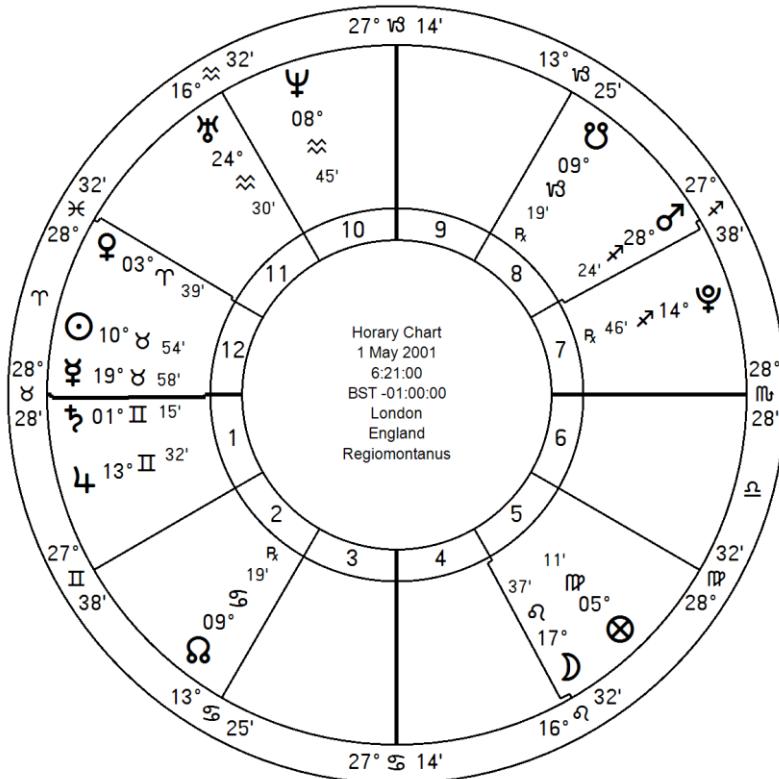
Atualmente, é possível observar astrólogos com posições antagônicas a esse respeito. Se por um lado, há aqueles que seguem a linha do Frawley, ignoram as considerações e julgam todos os mapas radicais, outros descartam imediatamente um mapa com Ascendente a 00° ou 29°, seguindo à risca as orientações de Lilly de que não é seguro julgar.

O meu fascínio pelos mapas impedidos é semelhante ao sentimento de quando dizemos às crianças que algo é proibido e, imediatamente, ela tem a vontade de fazê-lo: é irresistível. Assim como quando a gente cresce passa a perceber o porquê de algumas coisas serem proibidas, com a prática, também passei a perceber que sempre há uma razão para o impedimento.

Não tenho a intenção de ignorar as considerações, mas passei, então, a tentar entender se existe uma mensagem por trás delas. É importante acrescentar que o querente não nos revela tudo. Assim, é como se o mapa soprasse em nosso ouvido: *atenção, tem algo mais que você precisa saber!* Quando me deparo com mapa impedido, sinto como se estivesse diante de uma charada mercurial que deve ser decifrada para, em seguida, poder realmente acessar a resposta do oráculo.

Irei analisar alguns mapas em que observar as considerações antes do julgamento foram - ou deveriam ter sido – usadas para compreender melhor a resposta do oráculo.

Frawley utiliza o mapa a seguir para explicar o conceito de *antiscion*. O contexto é o seguinte: a querente tinha uma relação por e-mail e telefone com um homem, havia algumas semanas que ela não tinha notícia dele, então ela perguntou: *Por que ele não me liga mais? Será que vou ter notícias dele? Quando?*



(Carta 09 - Porque ele não me liga mais? - *Manual de Astrologia Horária*, John Frawley, p. 133)

O Ascendente aos 28°28' de Touro, segundo Lilly, é um impedimento: “Se ascendem os 27, 28 ou 29 graus de qualquer signo, **não é nada seguro dar julgamento**, exceto se o querente tiver a idade correspondente ao número de graus ascendentes”. (LILLY, 2004, p. 122)

Frawley faz sua análise sem levar em conta essa orientação. A querente é Vênus a 03°40' de Áries, signo do seu exílio, na Casa 12, o que pode indicar o seu estado de aflição diante do sumiço do amado. Ao analisar essa condição, Frawley diz “Como ela está? Eca! Vênus está no seu próprio detimento, na casa XII. Ela não está feliz e **tampouco tem poder de agir**” (FRAWLEY, 2014, p. 132) Frawley dá muita atenção às recepções, então como Vênus está no signo de Marte, que representa o rapaz, concluímos que ela gosta bastante dele. A cossignificadora da querente é a Lua em Leão, os significadores da querente estão na exaltação e domicílio do Sol, respectivamente. Frawley atribui também o Sol ao homem, em questões de relacionamentos, nomeando-o como significador da sua parte “animal”. O rapaz é Marte a 28°24' de Sagitário, não está em nenhuma dignidade da Vênus e nem da Lua, portanto não tem nenhum interesse nela. Já o Sol a 10°54' de Touro está no domicílio da Vênus e na exaltação da Lua. Para Frawley:

“O regente da casa sete e o Sol, ambos, significam o homem; mas eles o significam de modo diferentes. O regente da sete é ele enquanto pessoa pensante e sensível, o Sol é ele enquanto animal do sexo masculino. **Então, sua natureza animal é fortemente atraída por ela.** Isso não está, necessariamente, relacionado só ao sexo; ele também abrange a necessidade normal de encontrar o parceiro. **Como pessoa, no entanto, ele não tem nenhum interesse por ela.**”<sup>25</sup>

Há alguns conceitos questionáveis nesse parágrafo, como por exemplo, atribuir a um planeta o conceito de “animal do sexo masculino” e apontar a “necessidade normal de encontrar um parceiro”. Como astróloga, mulher e feminista, não acredito que seja a melhor forma de abordar uma questão de relacionamentos. A distinção entre o Sol e o regente da Casa 7 como representantes do homem nos relacionamentos afetivos até poderia ser útil para uma mulher apaixonada que busca o oráculo se o enfoque for informar quais são as verdadeiras intenções do pretendente. Assim, se ela tivesse expectativas de um relacionamento mais sólido, poderia perceber que não há esse interesse por parte dele. Caso ela queira uma relação sem compromisso, é tudo que ela pode esperar.

Contudo ela deseja saber por que ele não liga mais para ela. O fato do signo em que está o regente da Casa 7 não oferecer nenhuma dignidade para a Vênus já poderia ser uma resposta, pois indica que ele não tem nenhum interesse por ela. Mas o astrólogo continua a investigação, observa que Marte está estacionário, prestes a retrogradar e que não chegará a sua exaltação, isto é, não irá melhorar de condição. Como ele está na cúspide da Casa 8, sua preocupação é com o seu próprio dinheiro, pois se trata da segunda casa a partir da sétima.

Para responder a outra questão, se ela terá notícias dele, Frawley considera que a Lua em Leão irá fazer uma antíscia ao Sol em Touro quando chegar aos 19°06': “O julgamento dado foi que ele ligaria, possivelmente, em uma semana e meia, sendo mais provável em um mês e meio. Ele ligou para ela em um mês e meio”. (FRAWLEY, 2014, p. 135)

Na leitura de Frawley, a cliente permanece **passiva**. Ela está em uma condição de ansiedade e sofrimento, representada pela Vênus exilada na Casa 12, com pouca possibilidade de ação, como ele mesmo diz e, diante do julgamento, permanece assim. Afinal, ela espera um mês e meio pela ligação de um homem que está preocupado com

---

<sup>25</sup> FRAWLEY, John. *Manual de astrologia horária: edição revista*. Tradução de Marcos Monteiro. Apprentice Books, 2014, p. 134.

as suas finanças que estão péssimas e que não tem nenhum interesse por ela. Seria essa a boa fortuna dessa mulher? Eu realmente espero que não! Voltemos à carta:

O Ascendente tardio poderia fazer parte da análise, como um sinal de que a moça talvez já saiba a resposta ou que já passou o momento de fazer essa pergunta, ou ainda o questionamento se é essa mesma a pergunta que deve ser feita.

A situação desse mapa me fez lembrar do mapa analisado por Maggie Hyde, em *Psychological Horary*, em que ela analisa as possibilidades de ação da querente a partir dos seus significadores: “Como Marte em Touro, ela não pode se mover. Mas como Lua em Peixes, ela pode”. (HYDE, 2017, p. 4). Enquanto Vênus em Áries, aprisionada na Casa 12, sem aspectos, a cliente do Frawley não consegue encontrar uma saída. Mas, como Lua em Leão, na Casa 5, ela consegue! A quinta casa fala dos prazeres, da criatividade, da diversão. Ela poderia assumir o seu poder pessoal, a sua coroa, que uma Lua em Leão sempre tem.

Segundo Frawley, a antíscia indica que ele irá ligar em até um mês e meio. Mas, a que serve essa resposta?

“Ao adotar uma abordagem do tipo ‘sim ou não’ para julgar o que acontecerá ou não, o astrólogo assume uma postura objetiva, baseada numa aplicação mecânica das regras. No entanto, qual é a utilidade de tal chance de cinquenta por cento de sucesso com julgamento horário objetivo ou tradicional, se não for preciso levar a vontade, a alma e o desejo do ser humano em conta?”<sup>26</sup>

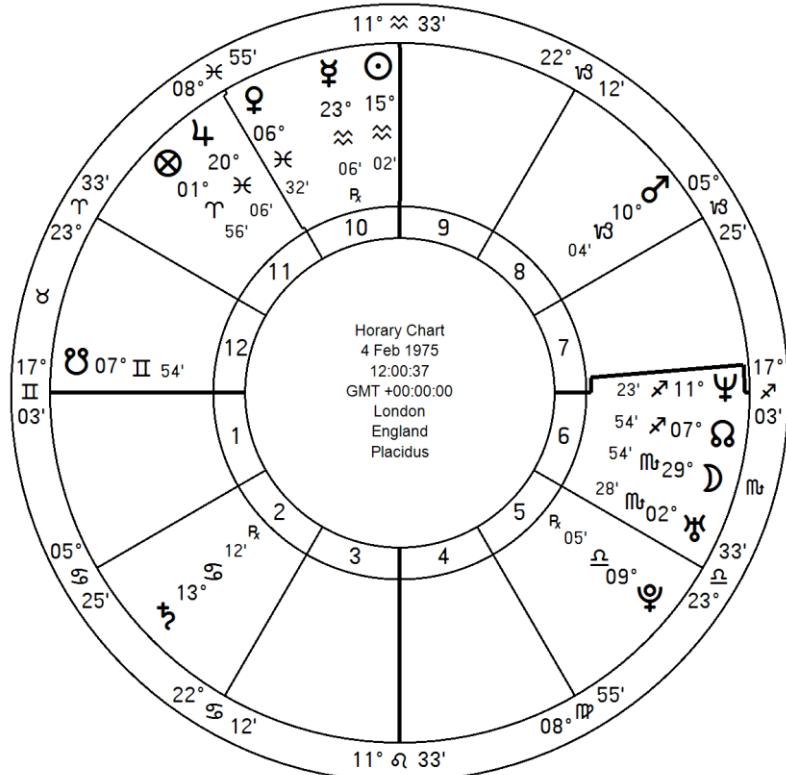
A resposta: “sim, ele irá ligar dentro de um mês e meio” será que é o alento para uma Vênus em Áries? Uma ligação que se dá pelo testemunho de uma antíscia, um aspecto oculto, é um forte testemunho de uma boa conexão?

A Lua em Leão irá, realmente, fazer uma antíscia. Mas ela também irá fazer uma quadratura com Mercúrio que está no signo de Touro, este sim, recebe a Vênus, por domicílio e a Lua, por exaltação. Será que não valeria a pena a querente estar atenta ao próximo encontro, já que ela é uma Lua em Leão na Casa 5, alguém que quer se divertir, ao invés de ficar aprisionada esperando uma próxima ligação de um homem que “como pessoa” não está interessado nela? Ela, enquanto Lua em Leão, pode se movimentar e se dirigir a sua boa fortuna!

---

<sup>26</sup> HYDE, Maggie. *Psychological Horary*. The Astrological Journal, London: Astrological Association, v. 35, n. 6, p. 353-360, nov./dez. 1993. Subsequent minor amendments, plus n.6. Sept. 2017. Disponível em: <http://www.cosmocritic.com>, p. 04

Vejamos agora um exemplo do astrólogo Derek Appleby, em seu livro *Astrología Horaria*<sup>27</sup>, considerada por ele, uma das mais notáveis que encontrou em seu caminho.



(Carta 10 - Terei um filho este ano?; *Astrología Horária*, Derek Appleby, p. 140)

Trata-se de uma mulher recém-casada que gostaria de saber: *Terei um filho este ano?* A primeira coisa observada pelo astrólogo é que a Lua está vazia de curso. No entanto, Derek não encerra a análise. O que é compreensível, afinal é mesmo difícil para um astrólogo interromper a leitura de um mapa, uma vez que ele foi aberto. Ele observa que o regente do Ascendente, Mercúrio a 23°06' de Aquário, está retrógrado e combusto, quanto a isso, William Lilly também tem uma consideração: “Se o regente do Ascendente estiver combusto, nem o assunto da questão se realizará, nem o querente aceitará qualquer orientação.” (LILLY, 2004, p. 123) Mercúrio é regente tanto do Ascendente quanto da Casa 5, a casa referente aos filhos, estando retrógrado e combusto, não parecia promissor que a mulher pudesse engravidar. O astrólogo, nesse momento, tem testemunhos suficientes para a resposta “não”: a Lua em queda, em Escorpião, vazia de curso, o regente do Ascendente e da Casa 5, combusto e retrógrado. Porém, o astrólogo é de Mercúrio, um “bicho curioso”, então ele continua a análise. Appleby afirma que o regente do

<sup>27</sup> APPLEBY, Derek. *Astrología Horaria*. Traducción de Manuel Algara Corbí. Editorial Sírio, 1988.

Ascendente retrógrado indica ao astrólogo que o cliente está escondendo algo, que ele não tem todos os fatos sobre o assunto ou algo mais virá à tona antes de ser julgado<sup>28</sup>. (APPLEBY, 1988, p. 141). Nesse caso, ele encara as considerações como uma mensagem que deve ser lida, não ignorada.

Chama a atenção de Derek a oposição entre Marte a 10°04' de Capricórnio e Saturno a 13°13' de Câncer, a análise que ele faz leva em consideração a natureza dos signos, a força do masculino de Marte, no signo da sua exaltação, e Saturno debilitado em Câncer, um signo associado ao feminino, à maternidade. Não é uma leitura muito tradicional, porém uma oposição entre maléficos é algo que, realmente, não há como ignorar em um mapa. A Lua, na Casa 6, também lhe chama a atenção, de forma que ele acredita que possa haver algum problema de saúde.

“Eu disse à consulente que ela não havia me contado toda a história (o que ela negou veementemente), que a resposta à pergunta era ‘não’ e ela deveria procurar um médico porque parecia haver algum tipo de obstrução, mas não era nada grave. Que, após alguns ajustes, ela conseguiria engravidar e que o problema seria resolvido em cerca de três semanas. Naquela época, eu estava expandindo meus horizontes. Nunca havia entrado em detalhes sobre um mapa que apresentava uma Lua Vazia de Curso e o regente da primeira casa retrógrado e combusto. Achei que estava sendo ousado, mas dei essa interpretação porque senti que precisava. Para minha surpresa, a consulente entendeu a interpretação perfeitamente. Ela me revelou que estava usando um D.I.U e que agora havia consultado um médico para removê-lo, o que aconteceria em 10 dias”<sup>29</sup>

O astrólogo compartilha conosco ensinamentos valiosos! Primeiramente, porque ele não ignora as considerações antes do julgamento, mas, ao considerá-las, também não encerra a leitura do mapa. Pelo contrário, ele tenta interpretar a mensagem que elas transmitem. A sacada genial de que a querente poderia estar escondendo algo ou não ter revelado todos os fatos é algo que, com certeza, levarei em consideração em meus atendimentos. Acredito que a combustão também poderia ser um indicador de que algo está oculto. A querente não nos revela tudo, mas o mapa pode revelar.

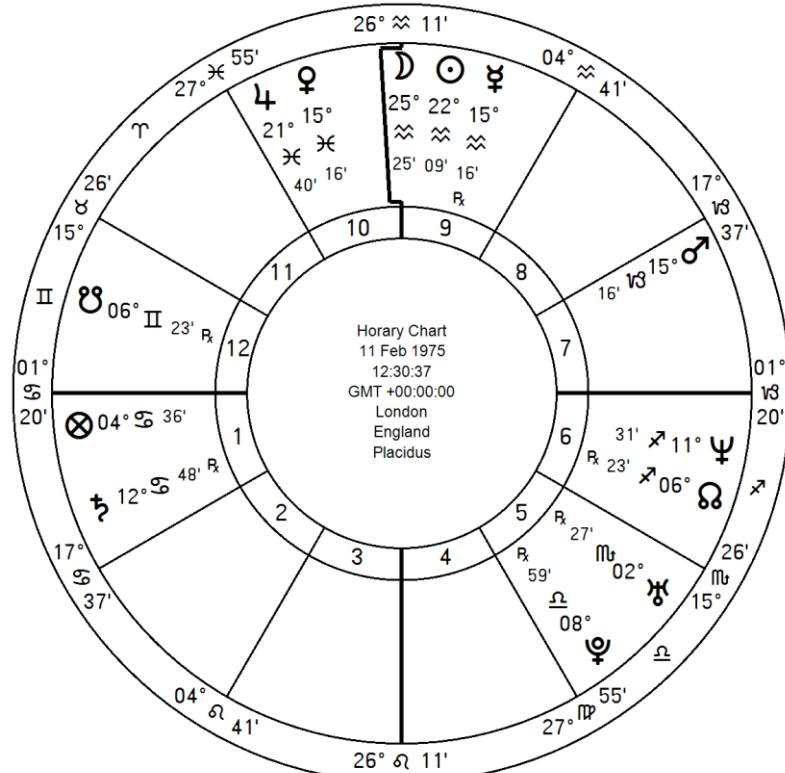
Além de ser difícil ignorar uma oposição de maléficos em uma carta, também não tem como não ver a sorte que pode indicar Júpiter em Peixes jubilado na Casa 11. Derek

<sup>28</sup> Infelizmente, não temos a tradução do livro *Astrología Horaria* em língua portuguesa, portanto as citações neste trabalho são de tradução livre, feitas com auxílio de ferramentas como Google tradutor – e meu Mercúrio em Virgem.

<sup>29</sup> . APPLEBY, Derek. *Astrología Horaria*. Traducción de Manuel Algora Corbí. Editorial Sírio, 1988, p. 143.

considera que Júpiter, como regente da Casa 11, representa os desejos da querente, então o desejo de ter o bebê é muito grande e forte, por isso irá se realizar.

A querente se colocou em ação, retirou o DIU e voltou a procurar o astrólogo. E aconteceu o que todo astrólogo teme: o mapa tinha impedimentos.



(Carta 11 – E agora? Quando terei um filho? - *Astrologia Horária*, Derek Appleby, pág. 144)

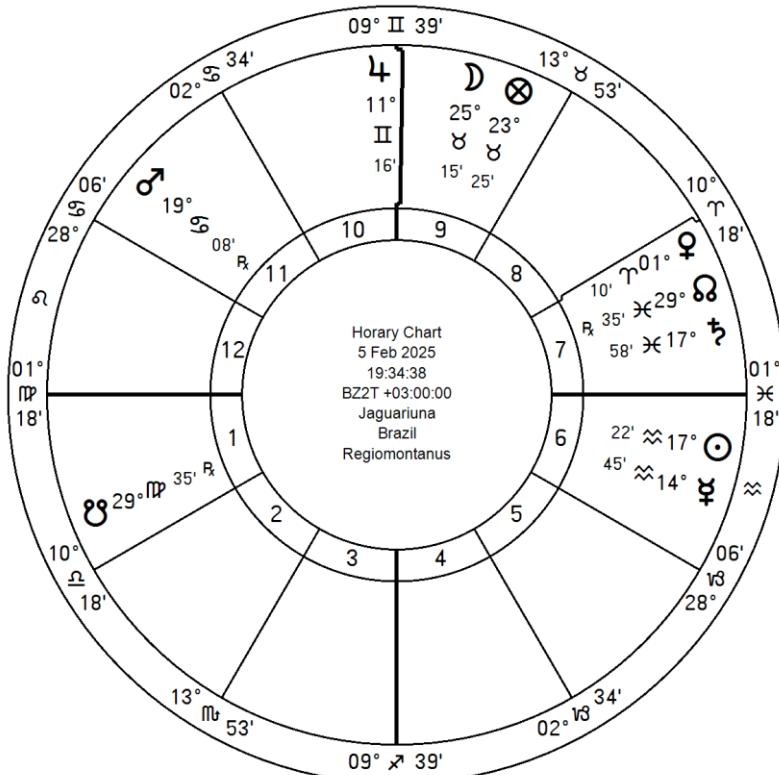
Dessa vez, o impedimento é o Ascendente a  $01^{\circ}11'$  do signo de Câncer. Poderíamos concluir que é ainda muito cedo para fazer essa pergunta, afinal, faz pouco tempo que a mulher retirou o método contraceptivo. Além disso, a Lua está, novamente, vazia de curso. O regente da Casa 5 continua sendo Mercúrio a  $15^{\circ}16'$  de Aquário, retrógrado e combusto. Todos esses testemunhos levaram Derek a oferecer a cliente a seguinte resposta: “Senti-me obrigado a dizer à cliente que era muito cedo para dar uma interpretação e, embora tivesse certeza de que ela, eventualmente, teria um filho (Vênus está se aproximando de Júpiter, senhor da décima primeira casa, no primeiro mapa), não poderia dizer quando.” (APPLEBY, 1988, p. 144)

É claro que a consultante não ficou satisfeita com essa resposta. Ele relata que ela não perguntou mais nada e não voltou a procurá-lo, porque, logo em seguida, ela ficou grávida, porém, infelizmente, perdeu o bebê. Ele conta ainda que a mulher se mudou e não voltou a procurá-lo, mas que ele soube por uma amiga que, quatorze meses depois,

ela teve uma criança saudável e, segundo Derek, “vale lembrar que a Vênus estava a 14 graus de Júpiter no primeiro mapa”. (APPLEBY, 1988, p. 145)

O que acho bonito dessa leitura é que Derek Appleby faz o mesmo que Willian Lilly, na análise da carta “uma senhora, se se casará com o cavalheiro desejado”. Diante da resposta “Não” e do desamparo da cliente, ele se põe a buscar “uma esperança na figura”. Ele não encontra testemunhos no mapa nem para uma resposta positiva nem para uma negativa, pois não é seguro julgá-lo, mas ele busca na carta algo que possa servir de aconselhamento e orientação para a mulher que deseja muito engravidar. No primeiro caso, ele vê um sinal de alerta com a oposição entre os maléficos e a aconselha a buscar um médico, o que é indispensável para que ela engravidie - retirar o método contraceptivo. Na segunda carta, diante da impossibilidade de julgá-la, ele busca por uma esperança: os benéficos em dignidade, Júpiter no seu domicílio diurno, Peixes, e Vênus, na sua exaltação, também no signo de Peixes. Para ele, o encontro dos benéficos significa que ela irá engravidar, pois o seu desejo é muito grande. Talvez, diante dessa carta, ele poderia também aconselhá-la a ter fé, não desistir do seu Desejo que é muito forte e bonito.

Gostaria, agora, de compartilhar com o leitor uma análise que fiz em que também enfrentei esses desafios. A consultente trabalhava na empresa da família no mundo corporativo, porém, esse ambiente estava lhe causando adoecimento, então ela decidiu pedir demissão. Ela é oraculista, mas sabemos como é difícil ter um trabalho não-convencional em nossa sociedade, então havia uma cobrança familiar para que ela buscasse um emprego convencional. Diante dessa angústia, sua pergunta foi: *Qual é o caminho para ter minha independência financeira sem ficar totalmente doente e disfuncional?* Então levantei a carta:



(Carta 12 – Qual o caminho para a minha independência financeira?)

Nem consigo dizer qual foi a minha frustração ao ver tantos impedimentos. Primeiramente, o Ascendente estava a  $01^{\circ}18'$  de Virgem, o que poderia indicar que é muito cedo para fazer essa pergunta. Assim como Derek, não me contentei com essa consideração e continuei a analisar o mapa. O regente do Ascendente, Mercúrio a  $14^{\circ}15'$  de Aquário está combusto, portanto era um indício de que a querente não aceitaria nenhuma orientação. Somado ao testemunho do Ascendente prematuro, acredito que a orientação não seria aceita porque essa pergunta ainda não tinha clareza, precisava amadurecer, talvez não fosse nem mesmo essa a questão que mobilizava a querente. Ela está ofuscada pelos raios solares e, tradicionalmente, o Sol é o significador do pai. Diante do contexto, podemos pensar que ela estava impelida a perguntar sobre sua independência financeira para ter uma aprovação paterna. Minha ousadia e curiosidade mercuriais foram detidas pelo Saturno a  $17^{\circ}58'$  de Peixes na Casa 7, pois “Saturno na sete corrompe o julgamento do astrólogo ou é um sinal de que o assunto proposto irá de uma desgraça para outra.” (LILLY, 2004, p. 123). Tratava-se então de uma consideração relacionada à minha capacidade de julgamento. Entendo que, talvez, no meu anseio de ajudar, poderia fazer uma leitura equivocada. Diante de tantos alertas, comprehendi que não deveria julgar esta carta. Mas me pus a buscar *uma esperança na figura*: qual seria o caminho da boa fortuna para a querente?

Quase todas as esferas do mapa estão em debilidade, inclusive os benéficos: Vênus em Áries e Júpiter em Gêmeos. O melhor planeta do mapa é a Lua, exaltada, aos 25°15' de Touro, na Casa 9, a casa de Deus, dos sonhos, da fé e do oráculo. A Lua está conjunta a Fortuna, o nosso quinhão de sorte no mundo, o que alimenta a nossa alma, segundo Frawley. Não respondi à pergunta da querente, mas inspirada pelos estudos que havia acabado de fazer sobre o caminho da boa fortuna - e pela Lua em Touro - ofereci-lhe um aconselhamento, que transcrevo a seguir:

“Eu acredito que, mesmo quando o mapa está impedido, **não ficamos sem uma orientação**, eu acho que até o impedimento pode ser alguma resposta. Tenho observado que, quando o Ascendente está nos primeiros graus do signo, pode indicar duas coisas: ou ainda é muito cedo para fazer a pergunta, ou não é essa a pergunta a ser feita, talvez não seja exatamente essa a pergunta que você quer fazer. Eu, realmente, não posso responder a essa pergunta, mas não tem como olhar para esse mapa e não ver uma Lua em Touro, *lindíssima*, conjunta à Fortuna, na Casa 9. A Casa 9 é a casa do oráculo. Então, se eu abrir um mapa de natividade, por exemplo, e encontrar esse posicionamento, eu vou dizer que a Sorte dela está na Casa 9. Acho que essa pode ser uma resposta para o seu trabalho oracular, pode ser ele o caminho da sua boa sorte e até da sua independência financeira, mas existe uma Sorte nesse campo do oráculo, do estudo, da fé, de deus, da espiritualidade. Então, isso pode te ajudar e trazer bons frutos materiais também. É o que eu consigo ver nesse mapa para te dar alguma orientação. Não desista dos oráculos! Não desista dos estudos, da fé, dos seus mestres.”<sup>30</sup>

Nenhum cliente fica plenamente satisfeito com um mapa impedido, afinal, se ele busca o oráculo, é porque deseja uma resposta. Apesar da frustração, a cliente me relatou que sentiu um afago, um acolhimento de que precisava e agradeceu.

Passou um mês, a cliente me procurou novamente, dizendo que ela continuou procurando oportunidades de emprego, pensou em voltar para atividades que ela já realizou no passado, mas não se sentia bem nessa direção. Até que em uma conversa com sua irmã, ela entendeu que deveria se dedicar integralmente ao seu trabalho como oraculista, ao invés de se distrair e perder tempo com outras coisas que não são o que ela, realmente, quer fazer. Inclusive, ela percebeu que se direcionasse para esses outros trabalhos, não teria o retorno financeiro que tem tido com o trabalho de oraculista. Então,

---

<sup>30</sup> Transcrição parcial e adaptada do áudio que foi enviado para a querente.

ela realmente compreendeu que deveria se dedicar ao que ela já vinha fazendo. Ela percebeu que estava em dúvida, porque sentia a necessidade de agradar ao pai.

Se voltarmos ao mapa, podemos analisar os dois significadores da querente, o regente do Ascendente e a Lua, pela perspectiva proposta por Hyde. Se por um lado, a cliente, enquanto Mercúrio em Aquário na Casa 6, estava confusa, ofuscada pelo Sol, que acredito representar a influência do pai, não tinha capacidade de ação, não poderia se direcionar para a sua Sorte, enquanto Lua em Touro, na Casa 9, ela se apropria do seu poder, ela se exalta, sabe o que quer, reconhece que é boa no que faz e sente satisfação nisso. Ela já está onde deseja estar!

Por fim, concluo que há um equilíbrio a ser encontrado diante de um mapa com considerações antes do julgamento. Ignorá-la, como faz Frawley, pode levar a perder uma chave importante para a leitura, tomá-la como uma regra soberana também, porque paralisa uma análise que, ainda que não responda assertivamente, pode ser o conselho de que a pessoa precisa. Não concordo com Frawley que todo mapa pode ser lido, mas acredito que, a partir de todo mapa, pode surgir alguma orientação, um aconselhamento, mesmo que não responda à pergunta inicial. Simpatizei muito com a abordagem de Appleby, que não é pretensioso ao ponto de ignorar as considerações, mas, gentilmente, busca alguma orientação para seus clientes. Esta tem sido a minha abordagem diante de mapas com as considerações antes do julgamento: sigo meu impulso mercurial de decifrar as mensagens, mas sem ultrapassar os limites saturninos.

## Capítulo 4 – Construção de uma práxis pessoal.

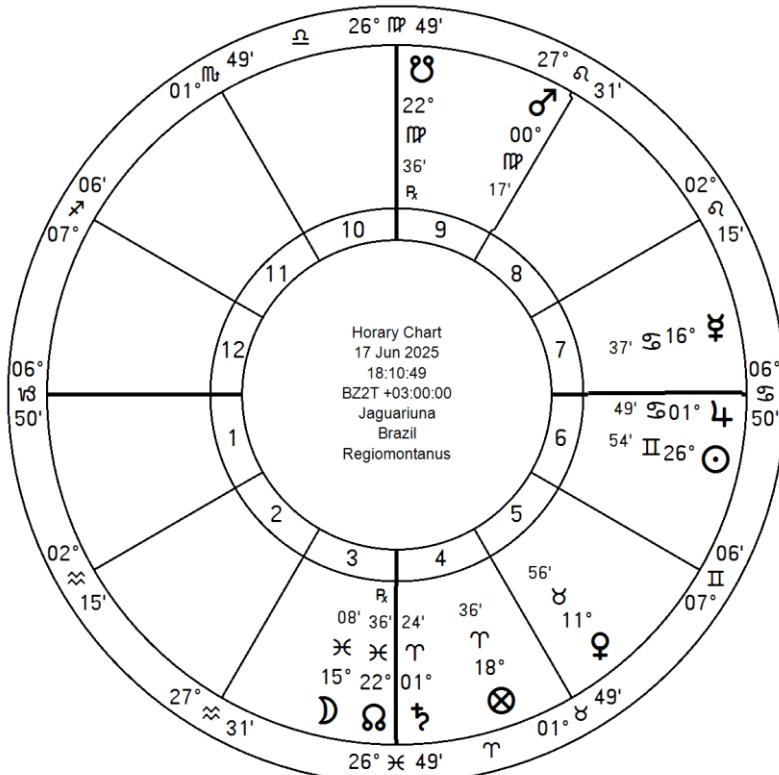
*A práxis, porém, é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (...) Por isto, a inserção crítica e ação já são a mesma coisa”*  
(Paulo Freire)

Para escrever este trabalho, debrucei-me sobre textos muito importantes para a história da Astrologia. Desde a *Astrologia Cristã*, uma obra do séc. XVII, de valor inestimável para a Astrologia Tradicional, até aos astrólogos tradicionais contemporâneos, como John Frawley e Clélia Romano, contrapondo à contribuição de astrólogos modernos como Maggie Hyde, Geoffrey Cornelius e Derek Appleby.

Os pensamentos divergentes não me levaram a escolher um lado. Ao contrário, me permitiram extrair o que há de melhor em cada um deles para a construção da minha própria prática, a qual eu desejava que fosse reflexiva, crítica, dentro da proposta freireana da *práxis*, em que a prática astrológica refletisse a teoria e vice-versa.

Para encerrar, irei compartilhar uma leitura de mapa horário que fiz e analisar como os estudos realizados contribuíram para a construção da minha prática como astróloga.

Era perto do dia dos namorados quando a querente chegou até mim. Ela disse que estava solteira. Apesar de, nas palavras dela, estar difícil “colocar o *cropped* e reagir”, ela gostaria de se abrir mais pensando que talvez estivesse muito fechada para os relacionamentos. Então, perguntou: *vou encontrar um namorado?*



(Carta 13 – Vou encontrar um namorado?)

Era uma terça-feira, Dia de Marte, Hora de Saturno. A querente é representada pelo Ascendente a  $06^{\circ}50'$  de Capricórnio, regido por Saturno a  $01^{\circ}24'$  de Áries. Diferentemente daquele primeiro mapa que compartilhei (Carta 01), na ocasião, verifiquei se o mapa era radical seguindo as orientações de William Lilly e constatei que sim, pois havia relação entre a natureza do regente da hora e do regente do Ascendente. A condição de Saturno não é das melhores, o planeta está em queda. Saturno na Casa 4 me fez pensar na imagem do Eremita, da pessoa recolhida, em casa, ensimesmada, mas, devido à queda, com um desejo desajeitado de deixar o isolamento. Depois, a querente me relatou que seu Ascendente natal é em Capricórnio, portanto ela é mesmo bastante saturnina e tem uma tendência ao isolamento, mas recentemente vinha se perguntando se não seria bom ter um relacionamento. O possível futuro namorado é o regente da Casa 7, a Lua a  $15^{\circ}08'$  de Peixes. Eu – e minha Vênus em Libra – adoraríamos responder à cliente que sim, que ela irá encontrar um namorado! Mas não há aspecto entre o regente da Casa 1 e o regente da Casa 7. Enquanto a Lua, em seu júbilo, parece estar circulando pela cidade, pelas ruas - a Casa 3 - Saturno, em queda, fechado em casa, não consegue vê-la nem encontrá-la.

Notei que o planeta que representa a querente está no domicílio de Marte e

exaltação do Sol, este é o regente da Casa 9, onde se encontra Marte. Passei então a pensar qual seria o verdadeiro desejo da querente, seguindo as reflexões de Maggie Hyde, uma vez que ela não parece voltada para os assuntos da Casa 7, mas sim, da Casa 9. Ela confirmou dizendo que estava dedicada ao doutorado, sua preocupação principal era se iria conseguir a bolsa para concluir seus estudos, portanto ela realmente não tinha certeza se o relacionamento afetivo seria uma prioridade no momento.

A esta altura, a frase de William Lilly já havia se tornado meu mantra: buscar se há esperança na figura. Então, não pude deixar de notar o planeta na Casa 7, Mercúrio aos 16°37' de Câncer, e nem ignorar a *perfeição* do mapa: a Lua se aplica a este planeta, por trígono, muito em breve.

Lembrei, novamente, da análise de Maggie Hyde no caso “Devo aceitar a oferta”. No meu caso, a querente, como Saturno em Áries, isolada na Casa 4, dificilmente encontrará um amor. Mas a Lua é cossignificadora da querente e, como Lua em Peixes, em seu júbilo na Casa 3, pode circular, se comunicar e encontrar Mercúrio que, em Câncer, gosta muito dela. Por isso, tive a impressão de que pode haver alguém interessado por ela, desde que ela se movimente, circule, viaje, poderia encontrar um namorado. Mas, será que é o que ela realmente quer? Se ela quiser, eu acredito que é possível o encontro, desde que ela realize a *perfeição*.

Então, sugeri que, primeiramente, ela se questionasse se o desejo do relacionamento era mesmo genuíno e, caso fosse, que ela incorporasse o simbolismo da Lua em Peixes, como propõe Cornelius, saísse mais de casa e, talvez, encontrasse um rapaz mais jovem, um colega de trabalho (pois Mercúrio é o regente da Casa 10) que pudesse ser um pretendente.

A cliente não me disse se encontrou um namorado, mas, logo após a consulta, ela disse estar “CHOCADA” com a radicalidade do mapa e me agradeceu, muito gentilmente, pela empatia e cuidado, pois ela já tinha realizado uma consulta de horária e recebeu como resposta um e-mail com apenas uma linha (de uma previsão que não se confirmou, para a sorte dela).

Nesta análise, consigo identificar a influência do estudo que realizei para compor esse trabalho: a técnica de observar as recepções amplamente defendida por Frawley, reconhecer o verdadeiro desejo da cliente, abordado no texto de Maggie Hyde, buscar um aconselhamento que leve a cliente à ação, como propõe Cornelius e sempre – sempre – orientada por Lilly: buscar uma esperança na figura!

Aprendi, sobretudo, a honrar o que os astrólogos que me precederam se dedicaram

a fazer. Levo para a minha prática o olhar atento e cuidadoso para as considerações antes do julgamento de William Lilly, não mais como uma interrupção da leitura, mas como um alerta e uma mensagem a ser decifrada e que, mesmo que não seja uma resposta, pode servir de aconselhamento, como fez Derek Appleby.

Apesar das críticas, reconheço que John Frawley escreveu um manual de Astrologia Horária que tem uma linguagem mais acessível, atual. Os exemplos que ele compartilha se aproximam da minha realidade, por isso consulto seu manual quando tenho dúvidas sobre quais significadores atribuir ao quesito. Acredito ser um manual orientador da técnica, a qual pode ser bem aproveitada se vier acompanhada de sensibilidade e olhar crítico.

O livro da Clélia Romano me causou uma reflexão sobre a importância da responsabilidade ao compartilhar o conhecimento astrológico. Conhecer a técnica não nos torna automaticamente aptos a ensiná-la. Ensinar astrologia exige uma responsabilidade com a formação de futuros astrólogos. Escolhi para este trabalho os casos que me impressionaram de forma negativa, mas seu manual também compartilha exemplos de fracassos, ela reflete sobre seus erros e os lamenta. Acredito que é um exemplo da importância de revisitar nossas leituras para buscar essa compreensão, de forma a aperfeiçoar as próximas.

A leitura dos astrólogos modernos ampliou a minha formação como astróloga tradicional. Embora eu tenha divergências quanto à prática da Astrologia Psicológica, acredito que as contribuições de Maggie Hyde são muito importantes para que a astrologia tradicional, especialmente no ramo da Astrologia Horária, não se torne determinista e fatalista. Não pretendo que a consulta astrológica faça a função que deveria ser de um psicólogo, mas é inegociável, para mim, que o desejo do cliente seja levando em consideração na leitura de qualquer mapa, tanto horário quanto de natividade, afinal, como bem lembra Hyde: “A própria palavra “desejo” vem do latim e significa ‘para ou das estrelas’, (*de-sidere*) (...) o trabalho dos astrólogos tradicionais visava permitir um indivíduo se reconectar com seu desejo. Este é o *de-sidere*, o desejo da alma.” (HYDE, 2017, p. 5)

A leitura de *O Momento da Astrologia: origens na adivinhação*, de Geoffrey Cornelius, neste momento da sua publicação traduzida para a língua portuguesa por seu aluno, Simão Cortês, foi carregada de simbolismo, é mesmo emocionante presenciar um astrólogo jovem honrando o legado do seu mestre, ao traduzir a obra para sua língua materna. Penso que, como astrólogos da atualidade, é isso que devemos fazer, honrar

nossos mestres, aprender com eles e criar a nossa própria assinatura sem ignorar o que já aprendemos, o que já foi feito em séculos de prática astrológica. Ademais, acrescentar à leitura da Astrologia Horária uma dimensão mágica fez todo sentido com a Astrologia que desejo praticar. Quando realizamos a leitura de uma natividade é mais óbvio de que se trata de algo muito especial, com facilidade, reconhecemos que há algo de muito belo no momento do nascimento de alguém. Mas o mesmo acontece no mapa horário, afinal o momento da pergunta é o momento que buscamos o aconselhamento divino, buscamos um pequeno milagre na nossa vida ordinária. Como diz o nosso mestre virginiano João Acuio: *o rito organiza o milagre.*

As motivações iniciais para fazer este trabalho eram estudar mais sobre Astrologia Horária. Ao concluir, sinto-me feliz de poder compartilhar com a comunidade astrológica o que estudei e aprendi, mas acredito que a maior satisfação seja firmar comigo mesma a Astrologia que desejo praticar, uma astrologia que oferece uma orientação gentil e acolhedora para lidar com os desafios cotidianos, mas que também permite abrir os olhos e os corações daqueles que me procuram para reconhecer a Sorte e a linha da boa fortuna!

## Agradecimentos

Agradeço,

Aos astrólogos que me precederam:

Pela generosidade de compartilhar o conhecimento, pela coragem de publicá-los.

Esse trabalho só foi escrito porque outros astrólogos ousaram escrever.

Agradeço

A todos que compõe a equipe Saturnália:

Ana, Thamires, Mariana, Canela, Juliana, Maria, Pryscila, Bruno e João Acuio,

Por ser escola, por ser casa, por ser chão e céu.

Pelo abraço, pelos sorrisos, pela recepção sempre calorosa

Pela festa, pela alegria, pelo amor!

Agradeço

À comunidade Duranki e ao professor Simão Cortês,

Pelas trocas, pelo apoio mútuo, pela liberdade e gentileza

Sobretudo, pela magia!

Agradeço

– imensamente

À minha orientadora Júlia Garcia de Oliveira:

Pela paciência, pela compreensão, pelo entusiasmo

Pela calma e pela firmeza,

Pela generosidade, pelo ensino e orientação,

Por ser Júpiter

- no melhor da sua exaltação!

Agradeço

Ao meu *coven*, minha Casa 11, minhas amigas queridas Audrey, Elen, Adriana, Carol e

Ana Luiza:

Pelo apoio, pelo bolo, pelo colo.

Pelos áudios, pelas cartas, pela palavra.

Pela fé e pelo amor!

Nada se faz sozinha.

Esse trabalho foi escrito a muitas mãos.

Está escrito. Nós escrevemos.

Obrigada!

## Referências

- APPLEBY, Derek.** *Astrología Horária*. Traducción de Manuel Algora Corbí. Editorial Sírio, 1988.
- CORNELIUS, Geoffrey.** *O momento da astrologia: origens na adivinhação*. Tradução de Simão Cortês. Editora Pogo, 2025.
- FRAWLEY, John.** *Manual de astrologia horária: edição revista*. Tradução de Marcos Monteiro. Apprentice Books, 2014.
- HYDE, Maggie.** *Psychological Horary*. The Astrological Journal, London: Astrological Association, v. 35, n. 6, p. 353-360, nov./dez. 1993. Subsequent minor amendments, plus n.6. Sept. 2017. Disponível em: <http://www.cosmocritic.com>.
- LILLY, William.** Astrologia Cristã. Tradução CCM, QHP. Biblioteca Sadalssud, 2004.
- ROMANO, Clélia Maria Virgínia R.** *Astrologia Horária: Teoria e Prática*. 1. ed. São Paulo, 2019.